

Turismo:
a crise até
na hospitalidade

Cadernos de NATAL



Ano II — Nº 2 — Natal, dezembro de 1991

Foto do Arquivo de Racine Santos



AECI
NATAL

MANIFESTAÇÃO AO VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, MR

História do Teatro do Povo na versão de Racine Santos

Em 1951,
Sandoval
Wanderley e Café
Filho na estréia do
TAM

NOTA EDITORIAL

. Os textos publicados nesta revista são solicitados e/ou selecionados pelo seu Conselho Editorial, que se reserva o direito de aproveitá-los nas próximas edições.

. As colaborações serão recebidas para possível publicação, dando destaque a temas locais de interesse geral na área de cultura e turismo.

. Os originais não serão devolvidos, com exceção de ilustrações e documentos especialmente recomendados.

. As opiniões emitidas nas matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

. Os direitos autorais serão convertidos em exemplares, a critério do Conselho, de acordo com a tiragem de cada edição.

. Os interessados em receber CADERNOS DE NATAL podem se dirigir ao Conselho Municipal de Cultura e Turismo, instalado na SECTUR: Rua Trairi, 563 - Petrópolis. CEP 59.020 - Natal/RN. Fones: 221-5729 e 221.5730. Telex: 842.633

. PEDE-SE O INTERCÂMBIO DE PUBLICAÇÕES.

A Editoria

Cadernos de NATAL



Prefeitura Municipal de Natal — Prefeita Wilma Maria de Faria

Editores: Margareth Martins - DRT-229
Rejane Cardoso - DRT-377

Diagramação: Enéas Peixoto - DRT-283
Produção: FAZ PROPAGANDA

Conselho Editorial: Conselho Municipal de Cultura e Turismo Rejane Cardoso Serejo Gomes (Presidente); Deífilo Gurgel (Vice-Presidente); Carlos Furtado (Secretário); Antonio Marques de Carvalho, Cláudio Augusto Pinto Galvão, Clotilde Tavares; Diva Cunha Pereira de Macedo; Hypérides Lamartine; João Maurício de Miranda; Nássaro Násser, Vicente Serejo.

Secretário Municipal de Cultura e Turismo - Itamar Azevedo.

Colaboram nesta edição:

Racine Santos, Carlos Furtado, Jesiel Figueiredo, Espírito Santo, João Batista Jr., Geraldo Edson Andrade, Augusto Severo Neto, Iaperi Araújo, Pery Lamartine, Carlos Fernandes, Iracema Gonçalves, Antônio Fernandes de Medeiros Jr., Nássaro Násser, Manoel Onofre Jr., Othoniel Menezes, Socorro Trindad, Diva Cunha, Jeanne Fonseca Nesi, Francisco Ivan e Franklin Capistrano.

Periodicidade: Quadrimestral
Tiragem: 1.000 exemplares

ÍNDICE

- 4** • Sandoval Wanderley e o Teatro do Povo — Racine Santos
- 10** • O Teatro Sandoval Wanderley e seu espaço cênico — Carlos Furtado
- 12** • Assim se passaram dez anos — Jesiel Figueiredo
- 14** • Alegria Alegria — hoje tem teatro! — Espírito Santo e João Batista Júnior
- 17** • Amaro Andrade — Um pioneiro do teatro em Natal — Geraldo Edson Andrade
- 23** • O melhor é a gente lembrar: Augusto Severo Neto
- 24** • Caldas Moreira: De ganceeiro à mestre de pastoril — Iaperi Araújo
- 29** • Turismo e Cultura — A hospitalidade em crise — Nássaro Nasser
- 36** • Conselho de cultura. Para que e para quem? — Rejane Cardoso
- 42** • Qual é o preço da cultura? — Socorro Trindad
- 45** • Zila Mamede — Notícias breves de sua vida e obra — Diva Cunha
- 54** • O antigo prédio da Capitania dos Portos — Jeanne Fonseca Neel

ABERTURA

Eu, você, todos nós estamos cansados de saber que não é fácil fazer uma publicação de caráter permanente no Brasil. Se as grandes revistas de reportagens, como o Cruzeiro e Realidade, se acabaram, das publicações culturais, nem se fala. Quase sempre ficam nos primeiros números: não dá nem para contar nos dedos de uma mão as edições que são colocadas em circulação, e se evaporam.

Mas, sonhar é preciso. Insistir, ou, para ser mais nordestino: pelejar. E é por isso que nós estamos de volta com os **Cadernos de Natal**, dois anos depois.

Esta “revista da Prefeitura” que teve o seu primeiro número lançado durante a gestão Wilma Maria, na então Secretaria de Cultura,

finalmente volta a circular, a chegar às suas mãos.

Dizer das dificuldades, contar todo esse processo para fazer acontecer no setor público, é se tornar repetitivo. O que nos interessa é ir em frente. Divulgar Natal e o que ela tem de bom. Comunicar, registrar, documentar. Não ser descartável. Fazer um intercâmbio, falar e ser ouvido pelas pessoas. Estar abertos às críticas e sugestões. Incentivar a produção cultural.

Estamos de volta, não queremos parar, e isto é só o começo. Mas sair da letargia já é alguma coisa. Você conta conosco e nós contamos com você. Vamos achar ótimo se você nos escrever para dar apoio ou fazer suas cobranças. Chegou a hora de encerrar uma nova publicação. E não deixa-lá morrer. Até a próxima!

Turismo e hospitalidade

Cadernos de NATAL

Ano II — N. 2 — Natal, dezembro de 1992



História do Teatro do Povo na versão de Racine Santos

Em 1951, Sandoval Wanderley e Café Filho na estreia do TAM

56 • Caracóis Literários — Francisco Ivan

60 • Transpoema — Franklin Capistrano

61 • Capitania das Artes vai resgatar cultura potiguar

NOSSA CAPA



Inauguração do Teatro de Amadores de Natal. Ao centro: Sandoval Wanderley e Pascoal Carlos Magno



Funcionários de "A REPÚBLICA" quando Sandoval Wanderley era diretor

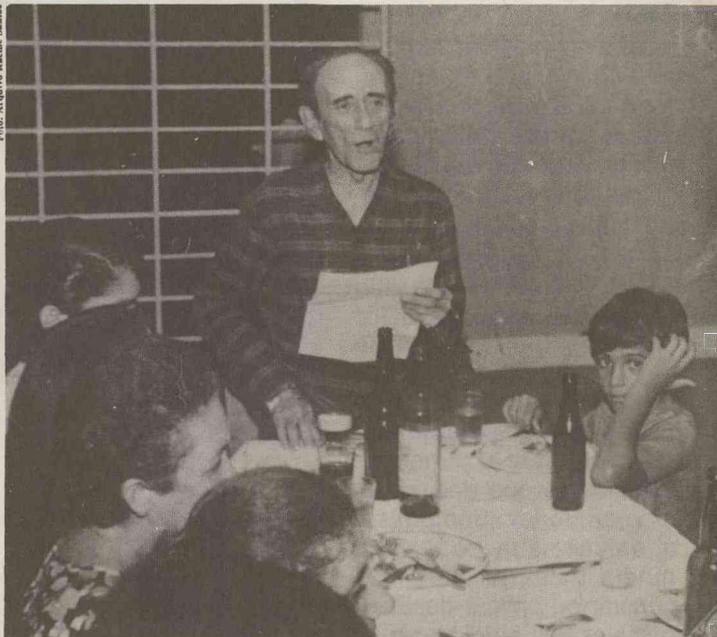
Sandoval Wanderley e o teatro do povo

RACINE SANTOS

A história do teatro do Rio Grande do Norte tem sua espinha dorsal na família Wanderley. Luiz Carlos Lins Wanderley (1831-1890), Manoel Segundo Wanderley (1860-1909), Ezequiel Wanderley (1872-1833), Jaime Wanderley (1897-1986) e Sandoval Wanderley (1893-1972). Durante praticamente um século o nome da família esteve diretamente ligado ao teatro no Estado. Produzindo, escrevendo, representando, movimentando a cena potiguar.

E na família Wanderley, o nome que mais se destaca é o de Sandoval.

Nascido no final do século passado, foi ele um homem do seu tempo. Mas, sempre atento ao cotidiano, tanto na política como no teatro não se cansava de condenar as atitudes conservadoras. Tinha os olhos para o futuro sem ser vanguardista. Em várias de suas comédias (Como em "E Ofende?", "Um dos Três é o Pai" e "Por causa de uma Mini-saia") o conflito de gerações, a implicância dos pais com as atitudes



Sandoval Wanderley depois da apresentação da peça "Simone"

modernas dos filhos, é vista com bom humor e simpatia para os mais jovens.

Totalmente dedicado ao teatro depois que renunciou a um mandato de vereador em 1950, Sandoval Wanderley transformou-se num importante nome da dramaturgia norte-río-grandense. Escreveu dezenas de peças, dirigiu muitos espetáculos, fundou grupos e formou gerações de atores. De 1951, quando fundou o

Teatro de Amadores de Natal, até 1972, quando morreu aos 79 anos, ele não fez outra coisa a não ser teatro.

Já no final de sua vida era um homem de hábitos regulares, dormia quase toda a manhã. Depois do almoço "descia" para o teatro Alberto Maranhão onde tinha uma sala para escrever ou copiar novos textos para o grupo. À noite sempre no palco. Ensaiando ou repre-

sentando. Foi essa sua rotina em seus últimos anos de vida.

O jornalista — Aos 27 anos de idade trocou o magistério pelo jornalismo. Cheio de idealismo, fez um jornalismo político partidário e apaixonado. Em Natal dos anos 20 e 30 circularam muitos jornais inflamados mas de vida efêmera. Ao lado de João Café Filho, de quem foi fiel correligionário, Sandoval Wanderley fundou e dirigiu mais de um: "A Opinião", "A Avenida", "O Combate" e "A Folha do Povo".

Dedicou ao jornalismo a mesma paixão e o mesmo entusiasmo que dedicou a tudo o que fez. Sempre na oposição, sua pena não media palavras para denunciar ou criticar deslizes oficiais. Foi, no Estado, o primeiro jornalista preso por exercer "com muita liberdade" suas atividades profissionais. Acusado de ser um homem de esquerda, foi preso por ordem do então Tenente Geisel, que servia em Natal depois do golpe de 35.

Deixou a imprensa quando elegeu-se deputado estadual em 1936.

O político — Do jornalismo para o exercício direto da política foi quase como que uma consequência na-

Foto: Arquivo Rache Santos



Sandoval Wanderley

tural. Chegou, inclusive, a pegar em armas. Foi quando refugiou-se na Paraíba depois de deixar Natal por causa de perseguições políticas. Alí, quando estourou o levante de 1930, pegou as armas e marchou à frente de um batalhão com des-

tino ao Rio Grande do Norte.

Em 1936 foi eleito deputado estadual pelo Partido Social Nacionalista, que no Rio Grande do Norte era comandado por Café Filho. Com o golpe de Getúlio Vargas em 10 de novembro

de 1937, dissolvendo os partidos, as Câmaras e o Parlamento, Sandoval perdeu o mandato e seu emprego. Era o Estado Novo. Enquanto os outros deputados voltavam para seus antigos empregos, ele não tinha para onde ir.

Volta a exercer outro mandato político somente em 1948, quando se elege vereador pelo Partido Social Progressista. E mais uma vez não conclui o mandato, pois renuncia ao mesmo depois de divergências com seus correligionários

em 1950. Esse gesto marcou seu afastamento definitivo da vida pública do Estado.

O dramaturgo — Sandoval Wanderley foi quem mais produziu para o teatro no Rio Grande do Norte. Começou sua vida teatral participando como ator nos grupos amadores da cidade.

Sempre muito empenhado no que fazia, logo passou a dirigir os espetáculos e escrever textos para o palco. E foram muitos escritos por ele. Como não havia o hábito da publicação de textos teatrais, nem a preocupação com a preservação dos mesmos, algumas de duas peças não se tem notícia nem do título. Com muito esforço conseguimos registrar 31. Sendo 28 peças propriamente ditas (declamadas) e três revistas musicais. Desses títulos, oito não foi possível localizar a data, e "Taberna Azul" aparece como a primeira dentro de uma cronologia possível. Foi representada no teatro Alberto Maranhão em 1939.

Das peças escritas por Sandoval Wanderley a grande maioria pertence ao gênero da comédia. "Se existe uma afirmativa absolutamente unânime em todos os críticos e historiadores do nosso teatro român-

O maior espaço privê para recepções de casamentos, 15 anos, coquetéis, jantares e aniversários de crianças.

Rogéria

Maison Buffet

Av. Xavier da Silveira , 688
Morro Branco
Tels: 221 1561 e 221 0031

O carinho é a nossa propaganda e o nosso sabor é que nos faz ter você de volta.



Elenco da peça "A Mulher sem Peado"

tico, é aquela de destacar a inegável supremacia da comédia sobre o drama" (1). Seguindo essa tradição romântica Sandoval produziu mais e foi mais feliz nas comédias. Escreveu praticamente todos os gêneros, mas foi na comédia onde alcançou seus melhores resultados. Seus dramas sofriram a doença do romantismo que dominou

(1) Márcio Jabur Yunes

os palcos brasileiros até os anos 50.

Nesse gênero escreveu e representou em 1952 "Julgai-me, Senhores", um dramalhão lacrimoso sobre um homem traído e abandonado pela mulher que foge com um amante. No entanto, mesmo contrariando seus princípios morais, recebe a mulher de volta unicamente por causa da filha. Como a moral da época não

podia admitir tal desfecho, no final a mulher põe fim a sua própria vida, levada pelo remorso. De todos os textos de Sandoval Wanderley esse é o único publicado em livro (Serviço Nacional do Teatro, 1967).

Dentro dessa mesma linha estão "Tudo é Mentira", "Ingratidão", "Pare, Por Favor", "A Terra não é de Ninguém", "Bruto" e "Os Culpados". Vindo do jorna-

lismo político e da política partidária ele quis fazer do palco, em seus dramas, uma espécie de tribuna, muitas vezes com um discurso moralista e empoadado. Claro que aí temos que ver também o perfil do público da época, suas limitações e preferências estéticas.

Na comédia, no entanto, ele foi mais feliz e produtivo. Trabalhando sempre sobre

assuntos de domínio popular, alcançou os melhores momentos em sua carreira de dramaturgo. Carpintaria ágil, domínio exato do tempo e um diálogo coloquial e espontâneo, constituíam o "segredo" de suas comédias.

Suas peças só tinham um objetivo: agradar as platéias. O riso e as lágrimas do público eram seu alimento. E isso o fazia atento para os acontecimentos, para as circunstâncias. Se por um lado essa atitude o aproxima das platéias, por outro tornaram algumas de suas peças anacrônicas, pois estavam circunscritas a um determinado modismo, ditado popular e acontecimentos. A idéia que temos é que tal fato não o preocupava, já que ele fazia de seu teatro uma espécie de crônica de seu tempo.

Tanto é que em plena II Guerra escreveu e fez representar uma peça com o título "O Quinta Coluna". Nos anos 50 encenou a comédia "E Ofende?", baseada num dito popular naquela década. E, nos anos 60, apresentou "Por Causa de uma Mini-Saia", brincando com o "furor" que a criação de Mary Quant causava aos mais velhos. Percebe-se assim que ele fazia um teatro de costumes, procurando cada vez mais em se comunicar com as platéias.

Sandoval Wanderley fez um teatro para o povo, co-

mo fez jornalismo como fez política. Um teatro sem pretenções literárias, observando sempre de maneira satírica alguns aspectos da vida natalense. Ele levou para o palco a linguagem do povo, os costumes, as manias de sua gente. Mas não transgredia, fazia o teatro para a família natalense.

Os personagens de suas comédias pareciam muitas vezes saídos das peças de Joaquim Manoel de Macedo ou de França Jr.. Eram pais carrancudos, mocinhas sofrendo por causa de

um amor que não era do gosto dos pais, mães conciliadoras, empregadinhas gaiatas ou simplórias, solteirões conceituando sobre a vida. Os tipos conhecidos e explorados pelas comédias do romantismo. Mas todos de bom coração, o que possibilitava no final o triunfo do amor, da moral e da razão.

Sandoval Wanderley fez o teatro do povo. Morreu em 1972 deixando uma viúva sem filhos. Seu funeral foi custeado pelo governo do Estado.

HISTÓRICO

Sandoval Wanderley nasceu na cidade do Açu em 1893 e morreu em Natal em 1972. Foi um dos diretores do grupo Dramático e fundador do Conjunto Teatral Potiguar (1941) e do Teatro de Amadores de Natal (1951). Peças de sua autoria: Taberna Azul (1939), E Assim é a Vida (1940), Benedito (1941), Um Rapaz Direito (1942), Enfermeira (1942), Tempos Modernos (1941), Tudo é Mentira (1942), O Quinta Coluna (1943), Ingratidão (1943), A Vida é Uma Nota Falsa (1944), Coronel no

Passo (1948), Julgaimo Senhores (1952), Sarita (1958), Páre, Por Favor (1960), Um Corpo Caiu na Madrugada (1962), A Terra Não é de Ninguém (1963), Beco da Quarantena (1965), Padre Miguelinho (1068), Por Causa de Uma Mini-Saia (1972). Outras peças, sem datas: Os Culpados, E Ofende?, Bruto, Um Marido Mais ou Menos Fiel, Um dos Três é o Pai, Tinha que Acontecer, Honesto Mas Ladrão, Todo Pai Tem uma Filha que é uma Brasa. E as revistas musicais "Brasil" (1941), "Quem Te viu e Quem te Vê" (1945), e "Natal".

Racine Santos é escritor e autor teatral.

O Teatro Sandoval Wanderley e seu espaço cênico

Carlos Furtado

O homem primitivo, já dominando alguns rudimentos da fala humana, o que possibilitava-lhe a comunicação com seus semelhantes, tinha o costume de reunir-se ao redor de uma fogueira, após o sol terminar sua caminhada em direção ao poente. A fogueira possuía várias finalidades: afugentar desde os mais terríveis animais predadores, até os mosquitos mais impertinentes, e ao mesmo tempo, aquecê-lo contra o intenso frio da noite.

Não é difícil imaginar a cena: os membros da tribo, aos poucos, chegavam ao local da fogueira e tomavam seus lugares; alguns subiam em troncos de árvores arrancados, numa tentativa de ter melhor visão dos acontecimentos que ali iriam ocorrer; outros traziam restos de caça para assá-la na fogueira ardente. Mas, em sua maioria, estavam ali para ouvir as narrativas dos feitos realizados pela tribo durante o dia, tais como caçadas, pescas e outras tarefas do cotidiano. As narrativas geralmente eram oralizadas pelos mais velhos da tribo, e nelas, tomava-se conhecimento das proezas dos caçadores mais valentes, onde os ingredientes fantásticos e míticos predominavam.

As histórias do presente, muitas vezes misturavam-se com as do passado, os personagens fundiam-se e o espectador não notavam estes detalhes.

Após o narrador principal haver esgotado seu repertório, outros o sucediam, talvez numa ordem onde a hierarquia

prevalecia. A Platéia tomava maior ou menor interesse, dependendo do entusiasmo e, da técnica narrativa do contador de história.

Temos aí todos os elementos básicos do teatro, e principalmente do moderno teatro de arena: o contador (ator) de histórias, os ouvintes-espectadores, e a fogueira que também servia de elemento de iluminação cênica. Portanto, este quadro perdido no tempo, representa uma configuração quase perfeita do primeiro teatro de arena ao ar livre.

O Teatro Municipal Sandoval Wanderley, reconstruído segundo idéias e técnicas renovadoras, é um espaço cênico retangular, com amplas possibilidades de criação e inventividade para o ator, diretor, encenador, iluminador e outros criadores da arte cênica.

No Sandoval Wanderley as arquibancadas serão móveis, possibilitando o usuário expandir seu talento e criar a relação mais adequada entre ator e espectador, para expressar sua visão da arte e do mundo. Na sua concepção geral, o Teatro que vai ser inaugurado é uma caixa de teatro italiano, onde os espectadores e atores são colocados juntos e bastante próximos. Neste espaço cênico não há lugar para mágicas. Entretanto, isto não significa que a poesia e a magia teatral estejam descartadas.

Este teatro será um desafio constante para os grupos de amadores que ali irão atuar. Consideramos a necessidade de um treinamento para aqueles que só atuaram no palco italiano, construído dentro de uma concepção artística, estética e ideológica do Renasci-

mento, e que já produziu suas maiores obras-primas. Entretanto, alguns pensadores como Jean Paul Sarte, por exemplo, já afirmaram que o teatro burguês, e por excelência o teatro de forma italiana, efetivamente já deram seu recado. Não há muito a dizer. Significa que esta forma de arquitetura — o palco italiano — está esgotado, não acompanhou as novas concepções dramatúrgicas atuais ou o movimento constante de renovação dos encenadores. Significa também que a arquitetura teatral não evoluiu paralelamente à literatura dramática deste século.

No teatro de arena o desafio é a sua maior constante. O público não deve ser enganado com “mágicas”, porque tudo desenrola-se dentro de uma intimidade não buscada no teatro italiano. Não há também necessidade de cenários. Necessita-se apenas de alguns elementos cênicos. *O centro e eixo da representação é o ator.* Nele reside toda a força do espetáculo.

Lembramos também que o teatro de arena presta-se mais a um repertório de temática social.

O teatro está diariamente buscando o novo. E o teatro não-empresarial tem um compromisso maior com o novo. Os amadores de teatro de Natal estão diante de um desafio: trabalhar uma nova estética dentro deste novo espaço. A proposta enunciada lembra o desafio da Esfinge: decifra-me ou devoro-te. □

Carlos Furtado é ator e diretor teatral.

10 Anos de Teatro "Sandoval Wanderley"

Jesiel Figueiredo

Falar do Teatrinho é pra mim bastante doloroso. As lembranças chegam misturadas, em redemoinho e tenho que fazer um esforço fora do comum para deixar de lado as injustiças, traições e ondas gigantes de "maucaratismo" que tive que enfrentar, provocada por alguns ditos artistas, nos últimos anos em que fui diretor da casa.

Mas vale lembrar os bons tempos. Tempos dos bem intencionados. Lembrar o Professor João Faustino que à frente da Secretaria de Educação e Cultura do Município nos chamou (a mim e Carlos Furtado) para fazermos um movimento louco e idealista chamado Teatro de Estudantes (com estudantes e para estudantes) tendo como sede o ainda "Teatrinho do Povo", totalmente desativado, com uma única lâmpada a iluminar todo o prédio. O Teatro de Estudantes vingou. Em seis meses deu ótimos frutos. Mas João deixou a Secretaria. Vem Dona Olinídia. Profª Olinídia Cortêz dos Santos Lima, uma enorme disposição, disponibilidade e abnegação no desejo de fazer crescer nossa cidade.

O Teatrinho já idealizado "Sandoval Wanderley", por João Faustino, ganha cadeiras, palco (camarins, bilheteria e tudo o mais).

Claro que era tudo pequenininho, pobre. Mas quantos festivos, amostras, cursos realiza-

Foto: Arquivo Secar



"Teatrinho do Povo" sempre atraiu bom público

mos em três anos. Quantos atores, diretores, iluminadores, músicos, cantores não tiveram sua base no Teatrinho. Quantas pessoas não aprenderam a ver Teatro assistindo os espetáculos que produzíamos e dirigíamos na humilde casa do Alecrim?

Depois as coisas foram mudando. Claro que no meio disso tudo, ainda aconteceu gente de qualidade que queria ver o trabalho crescer. São pessoas que estão aí e vão ficar como interessadas no crescimento da cidade, do país.

Mas por baixo do pano, nos escalões mais baixos uma perseguição contínua ao meu trabalho, era programada e realizada sem tréguas.

Desisti. Entreguei o cargo que nem sequer existia no papel e pelo qual nunca recebi sequer as gratificações de direi-

to. Fui cantar noutros terreiros, onde com certeza, pude e tenho podido provar minha utilidade à cidade que me deu berço.

Agora vem de novo o Teatrinho. Esperamos que os futuros diretores esqueçam o "Burocrata" e trabalhem. A tradição do "Sandoval Wanderley" é de formação de novos. Público e atores. Esperamos, sinceramente, que o Teatro "Sandoval Wanderley", no futuro, volte ao seu melhor passado.

Que os grupos de música, de Teatro, seus cursos para alunos e professores da cidade, suas exposições de artes plásticas, seminários, debates, tudo se repita.

Mas sem ranço medíocre da politicagem tão praticada por alguns que se dizem artistas e que até hoje nada fizeram para e em agradecimento de nosso povo. □

FASES DO “SANDOVAL WANDERLEY”

Construído em 1963, na gestão do Prefeito Djalma Maranhão, era inicialmente chamado *Teatrinho do Povo*. Depois de um ano de movimentação, passou praticamente fechado até 1971, sendo reequipado em 1973 pela Secretária Municipal de Educação e Cultura Olindina Gomes de Lima, na gestão do Prefeito Jorge Ivan Cascudo Rodrigues. Foi quando passou a se chamar *Teatro Sandoval Wanderley*.

Entre altas e baixas temporadas, funcionou até maio de 1986, quando ruiu metade da construção. O então Secretário de Cultura Gileno Guanabara, por motivos de segurança,

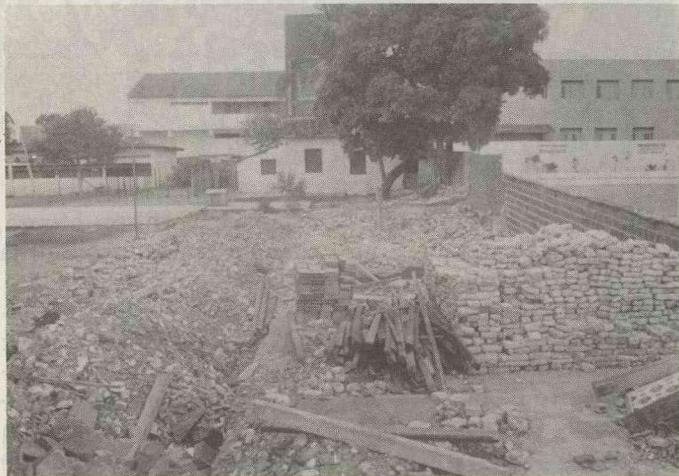


Teatro ainda em funcionamento

mandou demolir o restante e providenciou um projeto de reconstrução que não chegou a ser executado no período.

Ao assumir a Prefeitura, a Professora Wilma Maria de Faria mandou executar o projeto existente, acrescentando um amplo porão que será destinado ao trabalho de oficinas técnicas. No

fechamos esta edição momento em que o teatro encontra-se totalmente edificado, com um espaço cênico diferente do teatro tradicional tipo italiano: segue uma linha de arena retangular, possibilitando também uma ampla margem para experimentação, tanto no que diz respeito à escrita cênica, como na disposição do espectador.



Ruínas após o desabamento

Alegria, Alegria: Hoje tem teatro!

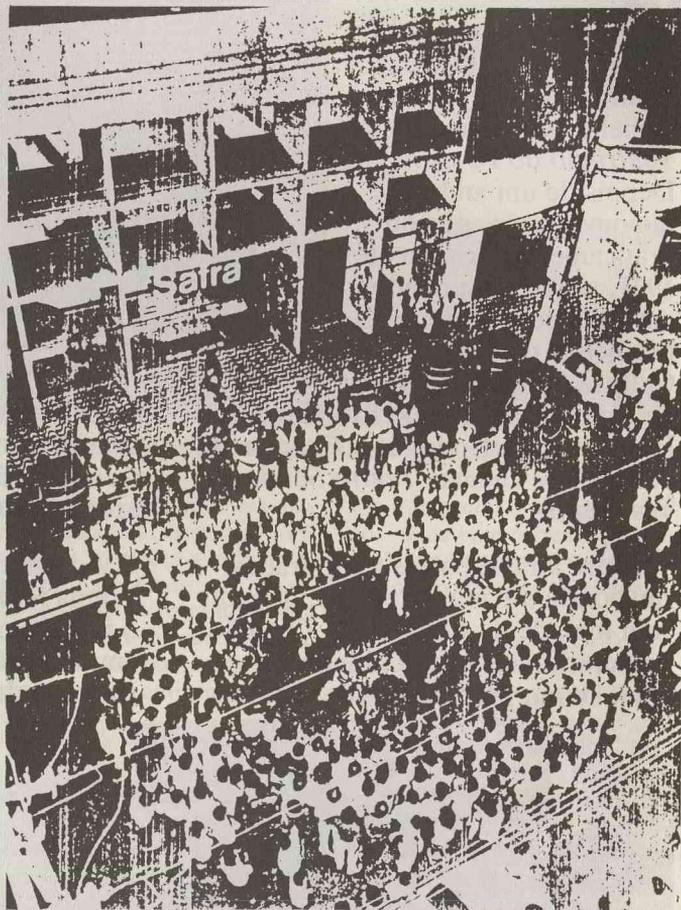
Espírito Santo e
João Batista Júnior

Meus senhores e minhas senhoras, “chegou o boi rebocando a curriola”. Chegou um bando de artistas mambembes de sorriso largo, gestos abertos e roupas coloridas, enchendo a rua de felicidade, contagiando quem por ela passar.

É impossível, na roda, o palco natural, deixar de ver o brilho nos olhos das crianças e não escutar a gargalhada do público adulto, quando esta trupe de atores natalenses, invade as praças trazendo de volta ao povo, cúmplice da encenação, a oportunidade de participar desta manifestação cultural, deixando de lado a mera condição de espectador.

É desta forma, que há seis anos a Cia Teatral Alegria Alegria, tendo como base de seus trabalhos os elementos da cultura popular, não apenas conservando-os, mas transpondo-os para uma utilização teatral em sintonia com seu tempo.

O ponto de partida aconteceu em 85 com a estréia da peça “As aventuras de Pedro Malazartes”, do dramaturgo norte-rio-grandense Racine Santos, hoje, com



mais de mil e duzentas apresentações na cartola. E na rua também o seu novo rebento, o espetáculo “João de Deus e do Diabo”, recriação feita a partir do texto de teatro de bonecos “A Invocação de Samarica ou a Verdadeira Estória do Diabo Quentinho”, do per-

nambucano Nilson Moura, com direção de João Batista Júnior.

“João de Deus e do Diabo” faz uma crítica mordaz ao mundo capitalista, tomando como enredo, personagens folclóricos como a mulher que cansada de tanta prece aos céus para ser

Richardson Sant'Anna

mãe, resolve então ter um filho com o Diabo Collorido.

Mas não é só teatro de rua que passa pelas cabeças desses mambembes. Existe no repertório da Cia, o espetáculo infantil "Era Uma Vez Um Rei", com autoria e direção de Jorge Romano Netto, com presença marcante em várias mostras e festivais do país, recebendo sempre críticas e comentários favoráveis como a do encenador potiguar Carlos Nereu, "o Alegria Alegria inicia em Natal a fase do teatro infantil inteligente para crianças inteligentes". Dando continuidade à árdua missão de fazer cultura em um país que a relega aos últimos planos o Alegria Alegria preparou neste segundo semestre de 91, mais um espetáculo de palco. Trata-se da "Farsa do Advogado Pathelin" a peça mais popular da Idade Média com direção de Chico Villa, ator-encenador com passagens pela Escola de Teatro Macunaíma, de São Paulo, e trabalhos realizados com José Celso Martinez Correa, Maria Pompeu entre outros. O Pathelin já está viajando pelas principais cidades do interior potiguar.

Já para o início de 92 está prevista a estréia do terceiro espetáculo de rua da Companhia. No momento a preferência recai sobre o texto "Canção de Fogo", de Jairo

Foto: Marcelo Araújo



A descontração do grupo "Alegria Alegria"

Lima. A montagem marcará a volta ao mundo dos espetáculos teatrais do conhecido diretor Carlos Furtado, que já assinou espetáculos numa das melhores fases do Teatro do Rio Grande do Norte.

Nos movimentos populares o Alegria Alegria mantém sempre uma participação marcante, encenando "Skets" rápidos sobre temas propostos pelas organizações de trabalhadores. Apresentando em bancos, escolas, ônibus e outros locais, sempre temas variados que vão desde a Educação no Trânsito até as Campanhas Salarias e de Prevenção de Acidentes e ainda encontra tempo para animação de aniversários, atividade que gera renda e ajuda a sobrevivência de vários

componentes do grupo. Mas não pára por aí, juntamente com os demais grupos de teatro de rua do Estado o Alegria Alegria organiza encontros com o objetivo de discutir sua arte e organizar o movimento teatral de rua. Além disso planeja a construção do seu espaço próprio, estando no momento preparando o Projeto que certamente contará com apoio do empresariado local.

É com projetos nas mãos, espetáculos no palco e seu teatro de rua, que o Alegria Alegria se despede "adeus a todos vou embora, o nosso mestre já chamou; por onde vou levo saudades, planto saudades onde vou". □

Espirito Santo - Ator e estudante de Comunicação.
João Batista Jr. - Ator.

**Amaro Andrade
foi um dos
pioneiros do
teatro moderno
de Natal**

Foto: Arquivo de Geraldo Edson Andrade

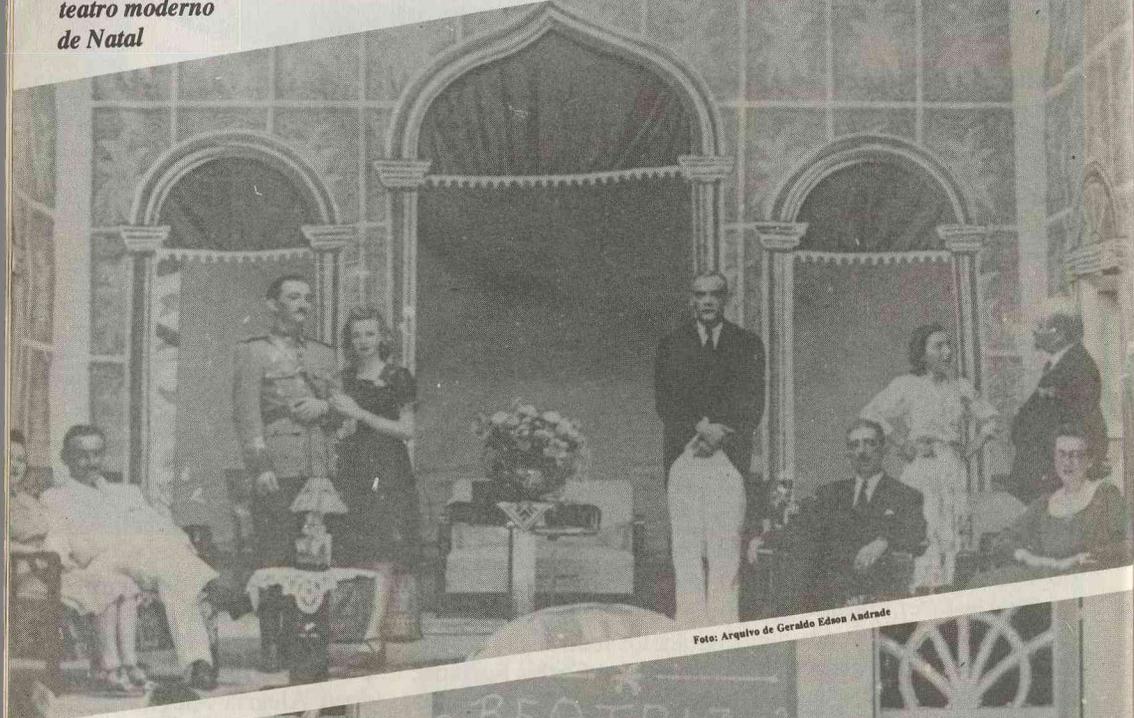


Foto: Arquivo de Geraldo Edson Andrade



**Encontro
no Grêmio
Dramático
de Natal
ainda na
década de 40**

Um pioneiro do teatro em Natal

Geraldo Edson de Andrade (*)

“Carlos Siqueira e Amaro Andrade são dois elementos de extraordinário valor pelos seus dotes naturais de representar e pelo entusiasmo que emprestam aos movimentos teatrais locais”.

O comentário foi publicado na revista *Brasil Musical*, editada no Rio de Janeiro, em 1946, numa ampla reportagem enfocando a vida cultural de Natal. Tanto Carlos Siqueira como Amaro Andrade, mencionados com entusiasmo nas páginas da revista que, por acaso, encontrei num *sebo* carioca no final da década de sessenta, pertenciam ao Grêmio Dramático de Natal, talvez a mais renovadora e estimulante experiência de teatro amador da cidade, nos anos trinta e quarenta.

Carlos Siqueira e Amaro Andrade não chegaram a tomar conhecimento do texto da revista *Brasil Musical*, então uma publicação de prestígio no sul do país. No caso específico de Amaro Andrade, morreu aos sessenta e dois anos de idade, em 1952, sem saber que o seu trabalho como ator transcendeu as fronteiras do seu Estado. Seria demais



para ele que, quando esteve em São Paulo, em 1948 — sua primeira e única visita ao sul brasileiro —, teve o privilégio de ver Sérgio Cardoso interpretando *Hamlet* e tão impressionado ficou que escreveu para o filho caçula transmitindo-lhe sua emoção ante a obra-prima de Shakespeare. Nessa montagem, a grande atriz Cacilda Becker fazia o papel da rainha.

Amaro Pedroza de An-

drade é um dos pioneiros do teatro moderno em Natal, não resta a menor dúvida. Um autodidata idealista, dono de fantástica intuição cultural, que deu a Natal importante contribuição à atividade teatral, numa cidade ainda gostosamente provinciana. Principalmente pelo repertório, ousado para época, o Grêmio Dramático de Natal marcou presença graças sobretudo ao faro cultural de Amaro Andrade.

Enquanto outros grupos de amadores optavam por um repertório de fácil acesso ao público, valendo-se de autores locais, como Segundo e Sandoval Wanderley e Francisco Ivo, dentre outros, o Grêmio Dramático chegava a introduzir os textos polêmicos do norueguês Henrik Ibsen e Eugene O'Neil à uma sociedade leiga em teatro. É preciso lembrar que Natal recebia de vez em quando a visita de companhias teatrais cario-

cas, como Procópio Ferreira e Iracema de Alencar, com repertório digestivo e dramalhões do tipo *Deus lhe Pague*. Sem falar em Renato Vianna, então uma espécie de ousado dramaturgo, com peças intituladas *Deus e a Natureza* e *Sexo*, consideradas avançadas no contexto do teatro brasileiro e que, hoje, não resistem a menor análise.

Amaro Pedroza de Andrade era o principal animador do Grêmio Dramático de Natal. Ele escolhia peças, dirigia, interpretava, criava cenários e até palpitava nos figurinos. Com os olhos de hoje, a testemunha-criança que eu era nos anos quarenta, surpreendesse com as leituras paternas, quase sempre peças teatrais, ora em livros, ora em revistas. Não tenho em meu poder nenhum histórico do Grêmio Dramático, tampouco fotografias de suas históricas encenações. Mas lembro-me da montagem de *Beatriz*, em 1943, de autoria do também amador Urbano Brandão, a mesma peça que inaugurara as atividades do grupo em 1939. No seu livro *História da Cidade do Natal*, Luiz da Câmara Cascudo registra o nascimento do GDN: "Em 3 de maio de 1939, nasce o Grêmio Dramático de Natal, com a participação velha da casa, Siqueira, Andrade, os novos Urbano Brandão (*Beatriz*,

sua peça, inaugura a sociedade no Teatro Carlos Gomes), Luiz Siqueira, Fernando Cardoso, Julita Câmara (poetisa e dramaturga) e dez outros. O Grêmio Dramático tem encenado trabalhos locais de Sandoval Wanderley, Urbano Brandão, Clementino Júnior, Filgueira Filho, Ivo Filho, Jorge Fernandes, José Aguinaldo Barros, e do Sul, com as novidades teatrais, Fornari, Juraci Camargo, Magalhães Júnior, Amaral Gurgel, etc".

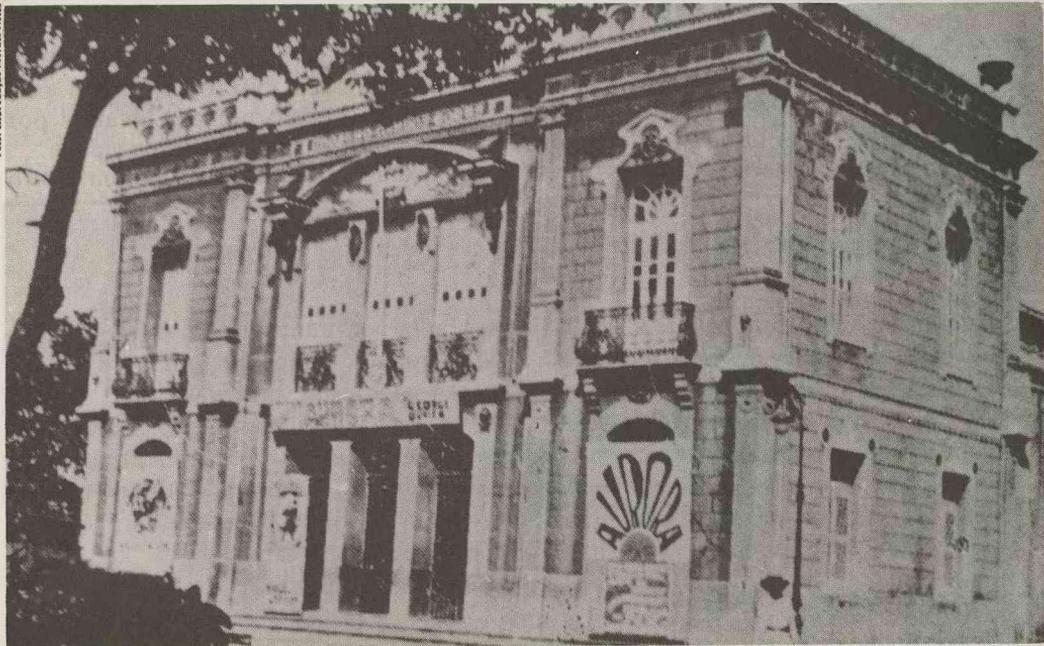
O Grêmio Dramático era consequência do Ginásio Dramático, que atuou em Natal de 1912, quando foi fundado, até 1920, sempre com a presença de Amaro Andrade, conforme assinala mestre Cascudo no seu importante livro, que destaca, ainda, as principais encenações desse conjunto pioneiro no teatro amador natalense.

Na minha memória de criança ficou, porém, outras boas recordações de peças encenadas pelo GDN. Como a revista *Natal*, 1941, de Sandoval Wanderley, para mim um deslumbramento pois conjugava texto e música, *Iaia Boneca*, 1942, talvez o maior êxito do conjunto, com um belo desempenho de Therezinha Maia, fato que toda a sociedade natalense comentou devido à beleza dos cenários e figurinos, *O Burro*, patética alta-

comédia de Raimundo Magalhães Jr., criada nos palcos cariocas pelo genial Jayme Costa, que encontrou em Amaro Andrade um comovente intérprete, *Transviados*, de Amaral Gurgel, *Pelas Grades*, peça de Jorge Fernandes para somente dois intérpretes: Carlos Siqueira e Amaro Andrade, e *Nuvens*, de Coelho Neto, e com a qual o Grêmio Dramático inaugurou, em 1943, seu teatrinho, no foyer do Teatro Carlos Gomes também sua sede social. Portanto, mais um pioneirismo de Amaro Andrade: dotou Natal de um teatrinho de bolso, moda que só iria pegar no Rio de Janeiro no início dos anos cinquenta, com a criação do Teatrinho Íntimo do Leme, à frente do qual a atriz Aimée.

Cito os fatos de memória, pois nenhum documento, nenhuma foto está com a família, e nem se sabe com quem ficou essa preciosa documentação do Grêmio Dramático. Em meu poder, somente duas fotografias: uma cena de *Beatriz*, na versão de 1943, e, outra, da festa de estréia da peça, realizada no foyer do Teatro Carlos Gomes, hoje Teatro Alberto Maranhão.

O Grêmio Dramático tinha, na cidade, um grupo rival, o Conjunto Teatral Potiguar, fundado em 1941, sob a direção de Sandoval Wanderley, com repertório



Teatro Carlos Gomes, hoje Alberto Maranhão

ecletico, mas fincado sobretudo nos textos do seu diretor. O GDN, mais avançado, costumava convidar para o seu elenco elementos da alta sociedade natalense, chegando a ponto de, na peça *Carlota Joaquina*, de R. Magalhães Jr., em 1944, recrutar um inglês autêntico, John Sterling, para viver o enviado especial da Gran Bretanha junto à corte brasileira, Lord Strangford. Sterling trabalhava na Wharton Pedroza, sendo, portanto, colega de Amaro Andrade, que ocupava o cargo de Diretor-Secretário da firma desde 1921. Da sociedade local eram também Amelinha Paiva, Antonieta Leite e Rui Paiva.

Carlota Joaquina marcou o “rompimento” da talentosa Clarice Palma com o grupo, pois, depois de estudar o papel durante meses, 48 horas antes da estréia deixou o elenco. O que fez Amaro Andrade, o diretor? Recrutou outra talentosa amadora, Zete Wanderley, que decorou o imenso papel em poucas horas, recebendo, na estréia, uma ovação da platéia. No papel de D. João VI, Amaro Andrade impressionava pela caracterização e, segundo se falava, não ficava aquém do ator Jayme Costa, criador do papel nos palcos do Rio de Janeiro. Quanto a Clarice Palma, passou-se para o Conjunto Teatral Potiguar, e,

hoje, é uma lenda do teatro em Natal.

Não sei como Amaro Andrade, em Natal, descobriu Henrik Ibsen, o grande dramaturgo norueguês e suas peças de tese, como *Casa de Bonecas*, que abordava a liberdade da mulher e que provocara escândalo na conservadora sociedade europeia em 1879, quando foi escrita e cujo tema permanece atual ainda hoje. *Casa de Bonecas*, lembro-me bem, pois assisti muitos ensaios, dava uma grande oportunidade dramática a Therezinha Maia, no papel de Nora, ao lado de Carlos Siqueira, Luiz Siqueira e, obviamente, Amaro Andrade, que também dirigia a pe-

ga. Curioso mencionar que a peça de Ibsen somente seria representada profissionalmente no Rio de Janeiro na década de 60, pela Cia. de Tonia Carrero, o que dá

a primazia a Natal de ter sido a primeira cidade brasileira a conhecer o texto do autor norueguês. Amaro Andrade cogitava ainda levar outras peças de Ibsen, como

Espectros e *Quando Despertamos de Entre os Mortos*. Os projetos foram, posteriormente, levados por outros grupos da cidade. Descobriu, porém, outro

Amaro Andrade, Rei desaparecido

Dentre os cidadãos que, nesta Cidade de Natal, tão carnavalesca, e tão amiga das tradições, empunharam o cetro de Rei Momo, houve Amaro Andrade. Ou melhor, houve um amigo nosso chamado Amaro Andrade, que já passou para o reino das sombras, onde se encontram outros foliões que venho evocando nesta coluna.

Amaro Andrade foi Rei Momo ao tempo em que esse "alto cargo" era levado a sério, o que, aliás, estava muito de acordo com o temperamento do eleito que, talvez por trabalhar numa firma Inglesa (Wharton Pedroza), revestia-se sempre de uma seriedade e de uma serenidade britânicas. Até mesmo quando a temperatura ia alta.



Não tenho certeza do ano em que o coroaram soberano absoluto da folia. Sei, porém, que foi organizada uma verdadeira corte, na qual havia os titulares tradicionais desde o Chanceler do Reino, até o Tesoureiro-mor do Erário. Por deferência da Federação Carnavalesca ou de outro órgão semelhante, coube-me a honra de ser um dos pagens da Sua Magestade. Nessa qualidade, percorremos Natal de ponta a ponta. Entrando em todos os Clubes, sendo home-

nageados por brancos e pretos. Tratados fidalgamente, como devia merecer uma corte real, mesmo carnavalesca.

Amaro, alto e ligeiramente obeso, ficava solene em atitude magestática, segurando o cetro de prata, que não precisava ser perspicaz para descobrir que, como na marcha carnavalesca, não era de ouro nem de prata e sim de lata.



Era, portanto, uma grande folião, o nosso saudoso Amaro Andrade. Ele fazia, com muita justiça, parte daquela grande família a que pertenceram Deolindo Lima, Melquíades Barros, aqui em Natal e, lá no distante Assu, o pobre Joca Marreiro, o mais pobre e humilde de todos, porém o mais apaixonado adepto de Momo em todo o Brasil.

E, como um bom Rei, Amaro Andrade não sabia fazer discursos. Dizia algumas palavras sem maior expressão, logo abafadas pelo entusiasmo dos seus súditos, que, como o próprio soberano, não faziam questão de oratória e sim das diversas bebidas apreciadas pelos tribunais de todas as épocas. □

Romulo C. Wanderley

autor que muito o interessou: Eugene O'Neil, o maior dos dramaturgos norte-americanos, interessando-se principalmente por *Ann Cristie*, que chegou a ensaiar com Therezinha Maia no papel-título. No cinema, consagrou Greta Garbo. Doente, não pode levar avante o seu desejo, e voltou-se para um novo projeto, a revista *Paisagens de Leque*, baseado em músicas de Waldemar de Oliveira. Muitas vezes o via estudando maquete para os cenários, sempre com o bom gosto que o caracterizava.

Mas não era somente o teatro que o apaixonava. Interessava-se por qualquer tipo de encenação que estivesse a serviço da população, uma das razões pelas quais viveu o Rei Momo em dois carnavais natalenses. Num artigo publicado no jornal *Tribuna do Norte* (21 de fevereiro de 1960), Rômulo Wanderley exaltou sua performance: "Amaro Andrade foi Rei Momo ao

tempo em que esse 'alto cargo' era levado a sério, o que, aliás, estava de acordo com o temperamento do eleito que, talvez por trabalhar numa firma inglesa (Wharton Pedroza) revestia-se sempre de uma seriedade e de uma serenidade britânicas. Até mesmo quando a temperatura ia alta"

Na verdade, Amaro Andrade foi o que hoje se costuma qualificar um animador cultural. Um dos primeiros a movimentar a então acanhada Natal antes e depois da Segunda Guerra Mundial.

Amaro Pedroza de Andrade nasceu em Natal, em 1890, e foi criado por suas tias, as professoras Maria Emília e Guilhermina de Andrade Mello, as primeiras mestras de ensino particular de Natal. Estudou, como interno, no Colégio Salesiano de Recife, onde, acredito, despertou para as atividades artísticas, uma vez que os padres salesianos sempre estimularam a cultu-

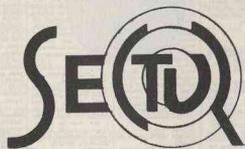
ra na educação.

Órfão muito cedo, começou a trabalhar ainda adolescente, pois ficou arrimo de família. Casou-se com Laura do Amaral Andrade, com quem teve sete filhos: João, Marinete, Braz, Maria de Lourdes, Lauro, Amaro e Geraldo, todos residentes no Rio e São Paulo. Morreu aos sessenta e dois anos de idade, em 1952.

Por tudo o que ele representou na vida da cidade, Amaro Pedroza de Andrade merece que a sua memória seja cultuada, talvez numa placa de uma rua ou de uma praça, quem sabe na marquise de um teatro. Homenagens que ele jamais pensou para si, mas que o seu filho caçula, que dele herdou o mesmo amor pela arte, reclama, certo de que se estará fazendo justiça a um homem que soube dignificar a cultura natalense. ■

(*) Geraldo Edson Andrade é escritor e crítico de arte. Filho de Amaro Pedroza de Andrade

Receba bem o turista.



O MELHOR É A GENTE LEMBRAR...

Uma lírica e imensa saudade

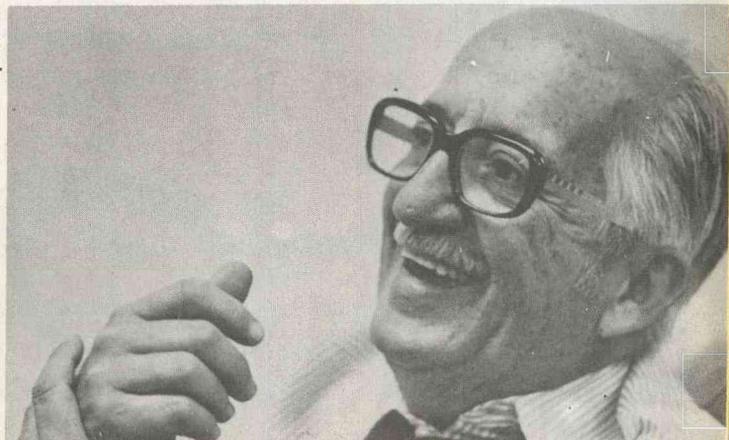
Foi começo de descoberta no fim da década de vinte. Primeiros alumbamentos fora dos limites do quintal lá de casa, que ainda era sítio e dava na São Thomé.

Arquivo DN

Praça Augusto Severo com suas árvores grandes (oitis, principalmente) e suas pontes-passarelas sobre os estreitos canais, onde, mal-acomodado, transitiva na maré cheia um braço esguio do Potengi. Na mão esquerda de quem descia, mais para os lados da Great-Western, o coreto. Meio europeu, meio mourisco, com suas linhas "élancés", e seu teto de ardósia. Nos sábados, sem bem me lembro, havia retretas. E as estátuas de bronze vindas da França? Onde andarão elas?

Natal de mais tarde um pouco. Carnaval na Tavares de Lira. Corso arrodando o obelisco lá no cais das lanchas de Luís Romão que iam para a Redinha passando pela frente do Hotel Internacional do Major Theodorico e pelo oitão da firma Severo Gomes & Cia., de meu pai, do Dr. José Gomes e do Coronel Vanvão. O escritório fazia esquina com a rua Chile do antigo Palácio do Governo que se transformou em casa de mulher-dama, no tempo da guerra e dos "my friends".

Na rua 15 de Novembro havia a Pensão Belas Artes, de mulheres pálidas e tresnoitadas. A Almino Afonso, da Pensão Ideal, conhecida por Pensão Estrela (de propriedade de Maria Emília, conhecida por Maria Cu-de-Ferro) tinha



então o nome de rua do Triunfo.

Na Duque de Caxias, entre as praças Augusto Severo e José da Penha moravam famílias importantes como as dos doutores Odilon Garcia e Januário Cicco e mais pra cá, no pé da ladeira da Junqueira Aires, estava o palacete de Tia Inezinha (Dona Inês Barreto de Albuquerque Maranhão), viúva de Juvino e que hoje é o Colégio Salesiano. Subindo mais, tinha-se (e ainda está lá) "A República", que foi casa de Pedro Velho, o Dr. Theotônio Freire, o meu pai Sérgio Severo, o Dr. Calixtrato Carrilho, a Capitania dos Portos e muita gente de boa origem e conceito. O bonde descia a ladeira a nove pontos. Só vendo.

Natal tinha um bocado de gente boa que hoje é nome de rua e um bocado de ruas que hoje têm nome de gente. Não quero discutir, mas aqui para nós, a cidade cresceu tanto que

bem se poderia homenagear aquelas pessoas sem apagar nomes tão bonitos como rua dos Tocos, das Virgens, Beco do Capió e Travessa da Lua. Felizmente ainda existe o Beco da Lama (onde João Lira prometeu se esconder se fosse perseguido pela Prefeitura), mas botaram nome falso na rua do Arame, de simpáticas prostitutas que me desvirginaram.

"Mudaria Natal ou mudei eu?" Nada disso, nós mudamos juntos. Na cidade, o progresso e os modernos/modismos destruíram as formas de moça provinciana, vestindo-a de longos espigões que emparedam a brisa, sufocam as árvores e as praças. Em mim a pátina do tempo transformou-se em rugas, em cabelos brancos, em cansaço dos aclives e em uma lírica e imensa saudade.

A reprodução deste texto publicado no livro NOSSA CIDADE NATAL - Crônicas - é uma homenagem dos CADERNOS DE NATAL ao poeta e escritor Augusto Severo Neto, falecido em 1991.



Mestre Joaquim Caldas Moreira

DE CANGACEIRO A MESTRE DO PASTORIL

IAPERI ARAÚJO

Nascido em 21 de setembro de 1889 na Paraíba, Joaquim Caldas Moreira fez de tudo na vida. Foi ex-combatente da I Gran-

de Guerra, imagine! Esteve em Dakar na África com o Corpo de Expedicionários do Brasil. Foi da Marinha, da Polícia Militar da Paraíba e final-

mente Mestre do Pastoril. Diz que foi o primeiro a levar o fandango para as festas de elite da Cidade e quem levou o Mestre Cascudo a conviver com

os grupos folclóricos de Natal.

Em 1918 com 20 anos, desiludido de uma porção de coisas, entrou no canção nos sertões de Pernambuco sob o codinome de Ferreirinha, lutando ao lado de Virgulino Ferreira, o Lampião.

Durante muitos anos foi o acompanhante de Luis da Câmara Cascudo nas pesquisas sobre o folclore e em muitas ocasiões o Mestre mandava chamá-lo para consultar sobre danças e músicas dos folguedos populares, inclusive perante o Presidente Juscelino Kubitschek quando de sua estada em Natal.

Cascudo criou e colocou-o na presidência quase perpétua de uma Sociedade Brasileira do Folclore.

Seu pastoril, considerado um dos mais bonitos e criativos da Cidade, fazia enorme sucesso nos anos sessenta, quando o Prefeito Djalma Maranhão fazia seu governo popular revitalizando as tradições do povo.

Foi Djalma mesmo quem o colocou como responsável pelos folgue-

dos do final de ano e quando das festividades oficiais mandava um recado pra Caldas Moreira na Assembléia Legislativa onde trabalhava para conseguir com a maior brevidade a apresentação de um grupo.

Num jipe Caldas Moreira se bandeava pro Areal, São Gonçalo ou Ceará Mirim e trazia o grupo prá se apresentar.

Aposentado da Assembléia Legislativa, Caldas Moreira que era também a denominação do seu pastoril, vive hoje de recordações numa casinha do conjunto Santarém na avenida Itapetininga com sua esposa e alguns hóspedes ocasionais como uma filha, um genro e nove netos que chegaram do Rio em busca de melhores condições de trabalho.

Filhos teve quarenta e um, de 4 casamentos. Netos tem quase cinquenta e trinetsos bem uns 10.

Na casa pequena do conjunto Santarém, recebeu os amigos no dia do seu centenário, ainda fazendo a barba, no jardim. Depois vestiu uma camisa limpa e como patriarca,

sentou-se numa velha poltrona e com toda lucidez contou os casos de sua vida, a convivência com o Mestre Cascudo e os políticos.

De suas recordações, uma placa da então candidata a Prefeito, Wilma Maia, em 1985, homenageando-o pelos serviços prestados à cultura popular e ao folclore.

A Secretaria da Cultura homenageou-o na ocasião com um Diploma do Mérito Cultural, oferecendo um bolo e refrigerantes para os amigos, familiares e vizinhos.

Na casinha da avenida Itapetininga, o Mestre Caldas Moreira ficou até tarde, cercado pelos amigos, lembrando-se das cantorias do seu pastoril.

“Pastoril Caldas Moreira

é o melhor de Natal...”

Atualmente com 102 anos, apesar da idade e dos problemas de saúde, Caldas Moreira continua lúcido e um grande contador de histórias. Está passando uma temporada com a sua filha, na rua dos Tororós, no Alecrim.

Iaperi Araújo é escritor e artista plástico, presidente da Fundação José Augusto.



PARNAMIRIM FIELD

Pery Lamartine

Os anos 40 representaram para mim um período de grandes emoções: atravessava a adolescência com a cabeça cheia de sonhos, a vida indefinida, as incertezas do futuro, as ansiedades decorrentes da guerra mundial que fervia na Europa e norte da África. Era esse o panorama para muitos jovens da época, com a minha faixa etária.

O esforço de guerra levou o governo brasileiro a investir na reserva aérea abrindo os Aéro Clubes e oferecendo cursos de pilotagem subvencionados aos jovens pelo Brasil a fora. E como alguém já havia dito "resistir quem há de ...", lá fui eu envolvido com o movimento aviatório, uma febre que contaminava o país de norte a sul. Os Aéro Clubes foram equipados com os pequenos Pipers J-3 (um ultra-leve melhorado) enquanto que a Aeronáutica recebia os modernos caças P-40, os bombardeiros médio B-25 e as empresas aéreas, que ainda viviam o período dos velhos Junkers (JU-52), estavam começando a receber os modernos da época, os Douglas DC-3. Centenas de aviões como este e outros modelos sobrevoavam diariamente o céu natalense, como se fossem gigantescos enxames, aguardando a sua vez de pousar em Parnamirim Field.

Nesse torvelinho aeronáutico alguns dos nossos jovens foram em frente, alcançando níveis desejados por qualquer aviador. Outros como eu, tive-ram o entusiasmo cortado no meio do caminho, pelos mais diversos motivos, embora que tenhamos ficado contaminados



pelo vírus da aviação. Vez por outra me vejo no hangar aceitando carona com os novos pilotos assim como também no Clube de Ultra-leves sobrevoando as belas praias natalenses.

Em dias passados deu-se um fato digno de registro que me fez retornar momentaneamente aos anos 40. Transitava pela BR-101 saindo de Parnamirim para Natal, às 9 horas de uma manhã radiante e silenciosa, na altura do parque de exposições, quando tinha diante de mim todo o panorama do aeroporto e base aérea, ouvi um ronco do motor à explosão muito familiar aos meus ouvidos. Olhei para o lado oeste e para surpresa minha estava na reta final do pouso um pequeno avião de asa alta que me fez parar enquanto ele em vôo planado cruzava a rodovia indo alcançar a pista logo adiante fazendo um pouso perfeito. O pequeno avião ainda taxiava para o hangar quando um rumor forte surgiu no espaço e logo percebi a silhueta de um velho e inesperado Douglas DC-3 que ainda voa por estas paragens. Nesse instante, enquanto acompanhava a trajetória do velho DC-3, veio-me a lembrança de um texto do aviador e romancista americano Ernest Gann, que naquela

época transitou muitas vezes por Parnamirim Field: "O DC-3 é uma vaca amável, pastando descansadamente nas pradarias das alturas, maravilhosamente misericordiosa com o mais desajeitado piloto." Uma imagem perfeita para os saudosistas daquele avião. Nesta altura dos acontecimentos não tive a coragem de me retirar dali. Estacionei o carro no acostamento e fiquei para conferir. Acompanhei a silhueta daquela velha e incomparável máquina voadora, com os seus motores "Pratt & Whitney" bem sincronizados, produzindo um ronronar musical perfeito que enleva os sentimentos dos aviadores de outra era. O velho DC-3 fez a sua aproximação com o afastamento padrão, voou diretamente para cabeceira da pista, os motores foram reduzidos e de imediato o rangido característico do impacto dos pneus com o asfalto. A aeronave parou adiante taxiando a seguir para o estacionamento.

São instantes como esse que em alguns minutos nos transporta para um tempo ido da nossa história aeronáutica, vida por uns poucos em Parnamirim Field.

Pery Lamartine é escritor, agente de viagens e membro do Conselho Municipal de Cultura e Turismo.

TRAVO

Sem sol
seus olhos
ao travo do verão
destravo
um inverno

TAKE DE MAIO

há tempos namoro
o espelho de mamãe

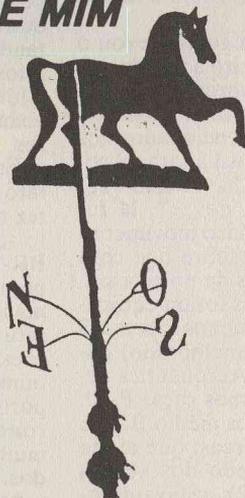
ÚLTIMO GRITO

Ó columbina de marchinhas
divinais
dai-me o lança-perfume
que ainda não cheirei
neste quarto de cinzas

Poemas do livro *Jardins Traversos* — inédito de Carlos Fernandes primeiro lugar no concurso do ano passado.

O CAVALO CAIU DE MIM

Esse cavalo é aventura
é fúria, velocidade
Esse cavalo é o tempo
O cavalo caiu de mim
Despejou-se na estrada que não era mais minha
Fez-se verso na página que não era mais minha
Fez-se loucura no silêncio intruso
Fez-se mais força junto à força avulsa
O cavalo caiu de mim
Caiu da sela do peito
Despencou do poder dos meus chicotes
O cavalo é vida que não pude conter
O cavalo me deu um coice
eu bati com a vida no lajedo
eu bati com pedra na vida
mas não morri
É simples, tão simples que eu só conto rindo:
O cavalo, doído cavalo caiu de mim.



Poema nº 11

Digo molhado à cidade-berço
O ritual de rebatismo:
Em Natal, a cidadania
Recomeça na lavanderia
atlântica.

Do livro *Inédito "Minutos"*, de Antonio Fernandes de Medeiros Junior, também Menção Honrosa no concurso 90.

Da obra "O Cavalo Caiu de Mim", ainda inédita, de Iracema Maria de Macedo Gonçalves da Silva, Menção Honrosa do concurso 90.

Nássaro Nasser*

Por envolver o contato entre pessoas e povos de comportamento, valores, crenças e mesmo línguas diferentes, o turismo não pode ser isolado da cultura. Sua complexidade não permite que seja apreendido como um fato unidimensional, ou seja, apenas na sua dimensão econômica. mesmo sendo esta sua maior fonte de estímulo. Por isto, é nossa intenção discutir, embora não na extensão desejada, turismo e cultura, em particular no aspecto da relação anfitrião/hóspede.

Eduar



IMPACTO CULTURAL DO TURIS

Para melhor clareza, é necessário deixar explícito, dada sua abrangência, o que entendemos por cultura.¹ No seu uso comum, o vocábulo pode ser aplicado tanto para designar uma educação humanística aprimorada, quanto referir-se ao cultivo de plantas e cuidados agrícolas, ou ao conjunto de práticas artísticas de uma sociedade. No nosso caso, consideraremos cultura em um sentido mais amplo, como faz a antropologia, ou seja, como o conjunto de padrões de comportamento, instituições, crenças e outros valores materiais e espirituais de um povo, herdados e transmitidos socialmente.

Embora um traço comum a todas as sociedades humanas, cada cultura é única e tende a manter sua especificidade. O povo brasileiro caracteriza-se por uma cultura diferente

da japonesa, alemã ou americana, não obstante a maciça influência dos meios de comunicação.² É impossível, portanto, encontrar dois povos culturalmente iguais. As diversidades culturais de cada um estão impressas nos diferentes costumes, modos de vida e visão de mundo. Os homens e mulheres de cada sociedade se comportam de acordo com os padrões culturais vigentes.

Esses padrões variam também de uma região para outra e entre classes sociais. Assim, além do substrato cultural mais amplo, com o qual todos os indivíduos de uma sociedade se identificam e são identificados, há as versões locais, regionais. Por exemplo, é inegável as diferenças de usos, costumes e mesmo linguajar entre nordestinos, gaúchos e amazonenses. Existem, em adição, os valores e

códigos sociais específicos de cada classe social. A elite tem uma visão de mundo, valores éticos e estéticos, diferentes do proletariado, embora ambos participem da cultura mais global, cujos códigos são capazes de traduzir e com eles se identificar, tornando mais complexo o contato entre pessoas de sociedades distintas.

A heterogeneidade cultural entre os diversos grupos humanos deságua na estranheza pelas formas de vida uns dos outros. Como a percepção e enfrentamentos dos desafios do mundo circundante são moldados pela cultura, os indivíduos de cada sociedade creem ser o seu o modo de vida mais certo e original. Essa certeza de que sua sociedade é a mais legítima expressão da humanidade, e que seu modo de vida é o mais correto e natural em relação aos outros é o que

MO: HOSPITALIDADE EM CRISE

se denomina etnocentrismo.³ Tal forma de perceber, analisar, comparar e julgar o resto da humanidade, tendo como paradigma de correção e perfeição seu próprio grupo, resulta no contato entre sociedades, comunidades ou pessoas isoladas, cheio de preconceitos. A enganosa certeza da superioridade étnica conduz ao relacionamento assimétrico, gerando comparações desvantajosas para o grupo considerado “inferior”. O que vai justificar os desrespeitos aos valores, crenças e rituais do povo visitado, por turistas que se julgam procedentes e portadores de uma cultura superior.

O problema tende a se tornar mais agudo quando ao aspecto cultural é somado o desnível tecnológico e/ou econômico. Isto comumente acontece no contato entre visitantes do Primeiro Mundo e anfi-

triões dos países do Terceiro Mundo. Não esqueçamos, porém, que os sentimentos de estranheza e superioridade não se limitam a ser subprodutos do contato entre culturas muito diferenciadas ou geograficamente muito distanciadas. No interior do mesmo país fatores regionais, níveis de educação e econômico, status social, etc., podem provocar reações de aberta ou complacente superioridade.

Deve-se ter em mente que o exótico, o diferente, o inferior, não é apenas uma questão de geografia. Nossa estranheza frente ao Outro pode se manifestar contra a quituteira baiana instalada na esquina da nossa rua, ou o anacrônico hippie vendendo seu artesanato, ou qualquer outra figura que não se enquadre no que nossa visão cultural considera como certo ou legal.

Vista de passagem a questão da cultura, podemos agora focar o turista e o turismo. O turista é, em geral, um indivíduo de folga que voluntária e transitória-mente visita lugares distantes da sua residência, região ou país em busca de descanso, diversão e/ou aumento e aprimoramento de seus conhecimentos gerais. Genericamente, é alguém que procura escapar da rotina cotidiana e relaxar das atribulações do dia-a-dia, visitando pessoas e paisagens diferentes.

Por ser um visitante de temporada curta, o turista, embora afastado do seu lugar de origem, em nenhum momento sente-se pressionado a mudar sua identidade cultural, como acontece com o imigrante. Seus valores, padrões, visão de mundo, etc., se mantêm intactos e vão arbitrar a interação com o anfitrião. O contato, assim,

tende a uma arbitragem distorcida pelas lentes culturais, resultando em encontros que podem apresentar efeitos negativos. Para isto concorre também a ignorância do turista aos costumes do povo visitado, fato que se verifica com frequência. E não poderia ser de outra forma, pois o turista comumente não é um especialista sobre a região ou povo que visita. Ele é um viajante que se exprime de acordo com sua cultura e grupo social, e que muito frequentemente é condicionado por informações turísticas.

Um brasileiro de classe média fazendo turismo no Paraguai, por exemplo, será portador dos valores e padrões de comportamento próprios aos brasileiros como um todo, mais os valores e códigos da sua classe social e, muito frequentemente, o viés da sua profissão. Isto resultará certamente no julgamento do povo e das coisas paraguaias de

Foto: Carlos Sastre



No litoral norte, o desenvolvimento do turismo

acordo com estereótipos fornecidos por nossa cultura e não com a visão que os anfitriões têm de si. Neste caso específico a grande motivação para a viagem são as compras não o país e muito menos seu povo, tornando extremamente remota qualquer possibilidade de

verdadeiro intercâmbio cultural. O que em si é apenas um exemplo extremado da tendência mais comum no contato entre turistas e nativos.

Valene Smith, especialista em antropologia do turismo, diz que o turismo pode ser uma ponte para a observa-

ção da relatividade cultural e o entendimento internacional.⁴ Contudo, isto depende do como se processa o relacionamento entre visitante e anfitrião. No início do fluxo turístico, em geral pouco denso, o encontro tem sabor de novidade, caracterizando-se pelo contato

personalizado entre os atores. É o nível em que predomina a euforia entre os nativos, entusiasmados e excitados pelo desenvolvimento da nova fonte de renda. Com a progressão para o turismo de massa, quando o visitante ocasional é substituído pelo influxo den-

so de pessoas, e sua identidade individual torna-se sem relevo, o turista começa a ser visto como um estorvo pelo resto da população não envolvida nas atividades turísticas. É conhecida, por exemplo, a ojeriza dos parisienses aos turistas, como reação a invasão da cidade por eles e por seu desconhecimento da vida francesa.

Quando a quantidade se sobrepõe a qualidade o relacionamento íntimo entre hóspede e hospedeiro já não é mais possível, como nos ensina o sociólogo tunisiano Abdelwahab Bouhdiba.⁵ Nesse estágio, a tradicional relação hóspede/anfitrião é substituída por uma ligação profissional, estereotipada, sem as características mais humanas da hospitalidade espontânea.

O oposto também é verdadeiro. O turista apenas tolerado pelo que significa como ganho econômico, fica sem outra alternativa que não a de considerar

o anfitrião como curiosidade e também como objeto. Nessa negação do Outro como ser cultural, e na sua coisificação, o intercâmbio de conhecimentos e experiência fica fraturado.

A situação envolvendo o turista doméstico não é muito diferente. Quantidade e qualidade também são fatores ponderáveis no contato entre visitantes e anfitriões. Socializado numa subcultura regional, o turista nacional é levado ao contato mediado por uma visão de mundo diversa daquela vigente na região visitada.

Os choques gerados pela ignorância da vida e dos costumes locais também acontecem no turismo interno, talvez sem a magnitude daqueles provocados pelo turismo externo. A identidade lingüística e o sentimento de pertencer a mesma tradição cultural atenuam os contatos interregionais. No entanto, a condição de indivíduo em trânsito, sem a obrigação de adaptar-se aos padrões locais e que pa-

gou para relaxar e aproveitar a paisagem e o exotismo do lugar visitado, influi tanto no comportamento do turista nacional quanto no do turista estrangeiro.

Sem atingir as motivações básicas do turista, é possível diminuir o impacto cultural entre hóspedes e anfitriões. Os aparelhos governamentais de fomento e apoio ao turismo deveriam cuidar mais desta atividade co-

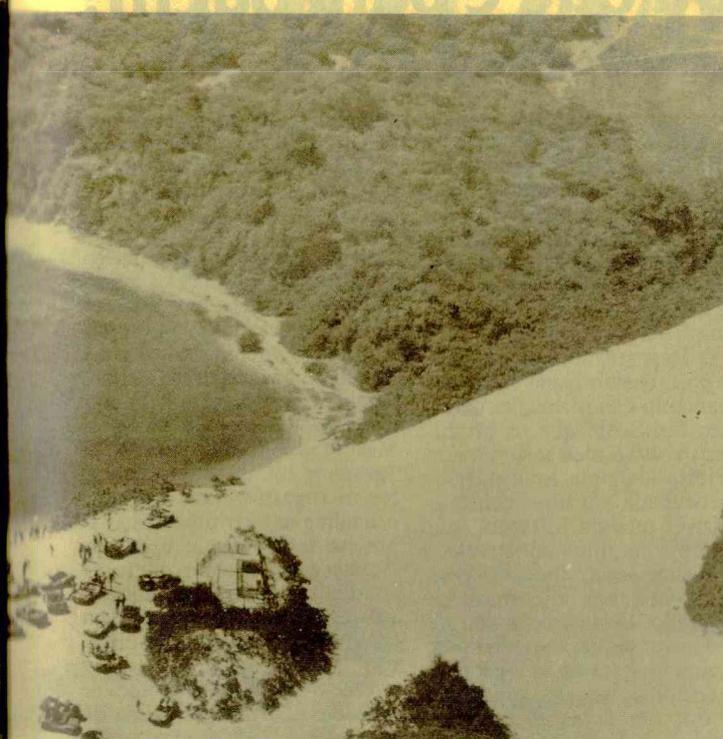
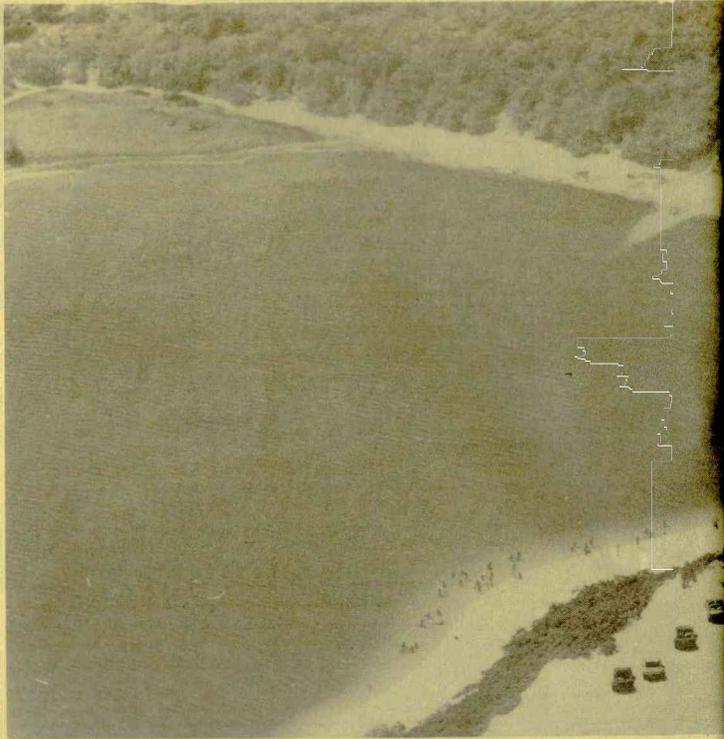
mo estimuladora de intercâmbio cultural, sem prejuízo da função comercial. Também agências de viagem, companhias de transporte e hotéis poderiam enfatizar o lado cultural do turismo. Quando dizemos cultural não estamos limitando o termo ao folclórico ou aspectos pitorescos do nosso povo, mas ao conhecimento dos seus valores, crenças, instituições e padrões de conduta. Afinal, o tu-

rista na sua viagem não vai encontrar apenas as belezas naturais,⁶ ou monumentos históricos, mas gente com tradições, costumes e padrões de comportamento diferentes do seu.

Abdelwahab Bouhdiba falando sobre o assunto sugere que, "conferências antes e durante a permanência no país, eventos artísticos de qualidade, mesas redondas, visitas acompanhadas por guias

competentes, exposições, documentários... sem dúvida custaria dinheiro, mas contribuiria para que a visita do turista se transformasse num encontro proveitoso com o país, com sua cultura e seu povo".⁷ Finalmente, o turismo moderno não pode ser apenas uma aventura, mas um meio de proporcionar ao visitante de curta temporada o conhecimento real da vida e do povo que visita. ■

Marcelo Seyão/DH



NOTAS

1 — Já em 1952, A. L. Kroeber e C. Kluckhohn, no seu livro *Culture. A critical review of concepts and definitions*, Vintage Books, registravam mais de cem conceitos e definições do termo cultura.

2 — Para se ter uma idéia das pressões exercidas pela mídia, basta ficar atento à quantidade de comerciais embalados por músicas e letras norte-americanas e até com legendas em inglês.

3 — Ver em Roque de Barros Laraia, *Cultura: um conceito antropológico*, Jorge Zahar Editor (qualquer edição), a discussão sucinta, mas muito clara de etnocentrismo.

4 — Valene Smith, *Hosts and guests: the anthropology of tourism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

5 — Abdelwahab Bouhdiba, "Turismo de massa e tradições culturais", in: *Correio da Unesco*, n.º 4, abril de 1981, pp. 4-8.

6 — O *Guia Turístico do Rio Grande do Norte*, edição de 1991, embora com boa apresentação gráfica e texto ágil e sugestivo, peca pela total ausência de informações sobre o povo potiguar (quando o faz é de forma estereotipada, romântica e limitada).

7 — Bouhdiba, *op. cit.*, p. 8. Antropólogo e membro do Conselho Municipal de Cultura e Turismo.

Conselho para que e para quem?

REJANE CARDOSO

Instituído há cerca de um ano pela Prefeita Wilma Maria de Faria, o Conselho Municipal de Cultura e Turismo vem realizando reuniões semanais e extraordinárias na sede da SECTUR, em Petrópolis.

E o que faz o Conselho? A que veio, afinal? — perguntam alguns intelectuais e jornalistas. Como diz o próprio nome, seria de se supor que um *conselho* serve para *aconselhar*, ou seja, orientar, sugerir, lembrar, cobrar, informar, fortalecer, tirar dúvidas, levantar dúvidas, colaborar com a administração.

O Conselho é, portanto, um órgão consultivo, e não, executivo. É claro que existem conselhos que também são órgãos executores, como a nível municipal o Conselho de Defesa dos Direitos da Mulher e das Minorias, que possui estrutura e serviços de uma Secretaria. Neste caso, não existe a possibilidade de paralelismo de ações, já que não existe uma secretaria municipal afim.

No caso da Cultura e Turismo, existiam anteriormente duas secretarias com atividades mais ou menos distintas, mas que em certos eventos populares, como Natal/carnaval/São João, às vezes tinham dificuldades em estabelecer “quem faz o quê”. Com a intenção de aproximar, centralizar as ações e sobretudo economizar, a Prefeita optou por uma estrutura única, acompanhada por consultores que não tivessem necessariamente vínculo com o município.

Como convidada a presidir inicialmente, e portanto instalar o Conselho, confesso que

até demorei a decidir aceitar, porque já conhecia de perto as dificuldades de se fazer cultura não só na cidade como a nível nacional. Em terra de descamisados é natural que a prioridade seja saúde-educação-habitação. O movimento cultural na maioria das vezes fica em um plano posterior.

O desgosto da classe artística no país, desmotivada com o fechamento de instituições culturais, fazia com que os produtores e dirigentes se sentissem enfeitados pela mãe-pátria, preocupada em lutar contra a terrível fera da inflação, que até hoje continua imbatível.

Mesmo assim, cheguei à conclusão que, se não enfrentasse o desafio, ia me arrepender de não haver sequer tentado lutar. Aceitamos, levamos a proposta de nomes de possíveis conselheiros das áreas de turismo, música, teatro, artes plásticas, arquitetura, folclore, comunicação e antropologia cultural. São pessoas que já contam com a experiência de dar aulas na Universidade, lançar livros ou pisar em um palco. Pessoas da terra, embora conheçam “outras terras, outras gentes”, como diz a música. São como o poeta que sonha, mas entra na fila para comprar o pão.

Como balanço de um ano de assessoramento, vale registrar uma conquista maior, que foi a decisão de centralizar o agito cultural — e por que não, turístico? — na Capitania das Artes, onde tudo poderá acontecer. Só o fato de abrigar uma escola como o Ballet Municipal, um sucesso junto à clientela natalense... Para que se tenha uma idéia, a escola, mesmo com a precariedade das atuais instalações, fecha suas matrículas em uma só manhã,

e isso acontece há mais de dez anos! Mesmo cobrando uma taxa mínima, a escola é auto-sustentável e sua proposta tem crédito entre a classe.

A Capitania será um espaço de grandes proporções e a destinação de suas áreas em tão bonito projeto terá como prioridade as necessidades mais imediatas da cultura municipal, além disso, tudo será debatido e questionado como convém. Mesmo sabendo ser impossível agradar a todos, estamos abertos às sugestões, vamos ouvir e avaliar as reivindicações. É preciso lembrar que o desejo é conseguir o melhor, oferecer condições a quem faz cultura, não esquecendo nunca o lema “transparência e participação”.

O outro passo será promover reuniões abertas, em forma de seminários, onde as mais variadas opiniões poderão se confrontar, e, civilizadamente se chegar à luz. Afinal de contas cultura é uma coisa tão eclética, que existem mais de 150 definições desta palavra, o que, a exemplo das receitas para se curar resaca, só nos demonstra que nenhuma das definições é definitiva.

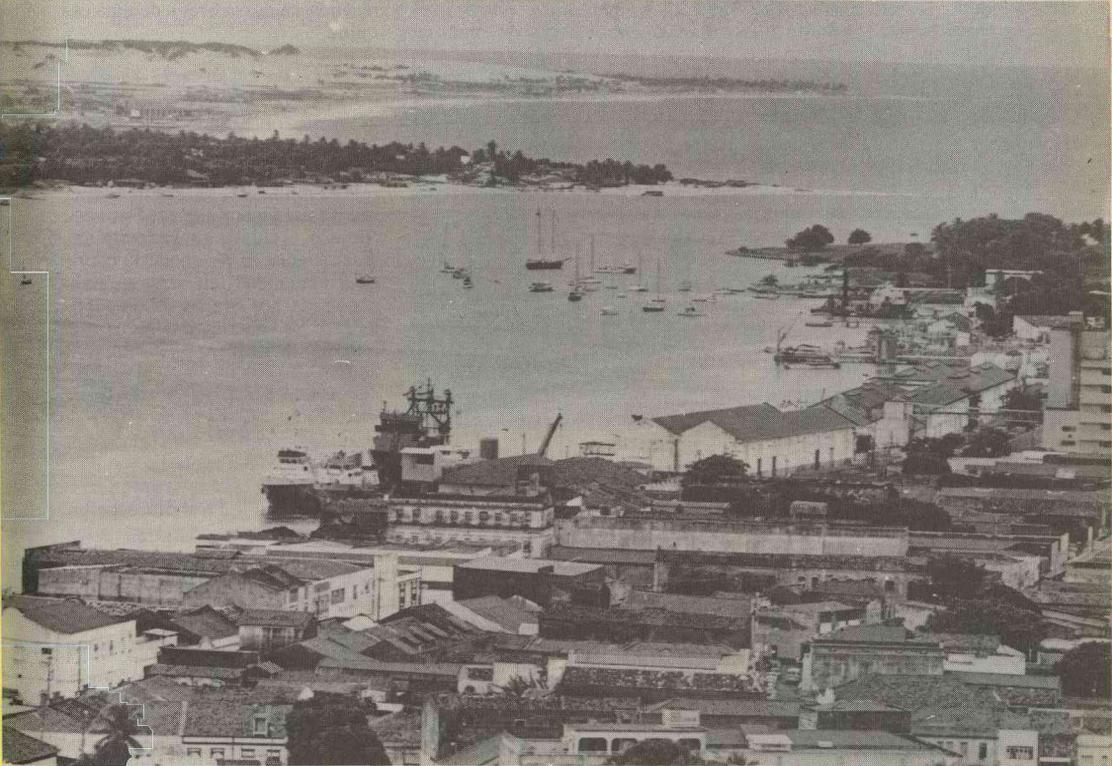
O que nós desejamos é não nos perder em discussões sem fim, ou ver as pessoas protestando por protestar. Como sempre diz Jô Soares: “Vamos trabalhar, minha gente!”

PS — Se você quiser dar sua opinião, escreva para esta revista: por sinal ela também é resultante da atuação do Conselho junto à SECTUR. ■

* REJANE CARDOSO é Presidente do Conselho Municipal de Cultura e Turismo.

A PALAVRA É...

Moraes Neto/DN



POTENGI - Rio em cuja margem direita está a cidade do Natal. O mesmo Rio Grande do Norte, dando nome à Capitania, Província e Estado. De *poti-gi*, rio dos camarões. Os Potiguares tinham aldeamento principal nas margens esquerdas do Potengi e eram apelidados *comedores de camarões*, de *poti-guara*. O chefe potiguar dom Antônio Felipe Camarão, foi agraciado com brasão d'armas, o *dom*, terça e comenda de Cristo em 1633, chamando-se POTI a tradução oficial consagra-lhe a legitimidade do nome de *Camarão*. No Ceará há o município de Potengi, antigo IBITIARA.

Luís da Câmara Cascudo
in *Nomes da Terra*.

O Potengí velho de guerra

Manoel Onofre Jr.

Ao contrário do Capibaribe, que fica se exibindo no centro de Recife, o Potengí esconde-se da cidade do Natal. Está “bem ali”, mas a gente quase não dá por ele. Somente do subúrbio de Igapó ou da praia da Redinha é que se percebe a grande presença do Potengí.

Por que essa quizila do rio com a cidade, ou vice-versa? Uma série de coisas os separa. Na Ribeira os armazéns do Porto e a estação ferroviária representam como que uma muralha, emparedando as águas, os barcos e os crepúsculos. Fica, porém, portão aberto, o nunca assaz celebrado Cais Tavares de Lyra, humilde cais, pouso de botes e boêmios.

Já a Cidade Alta dá as costas, ostensivamente, para o rio. Ignora-o, soberba. E o Alecrim, esbarando na Base Naval, faz o mesmo, embora não seja bairro de se dar ares importantes.

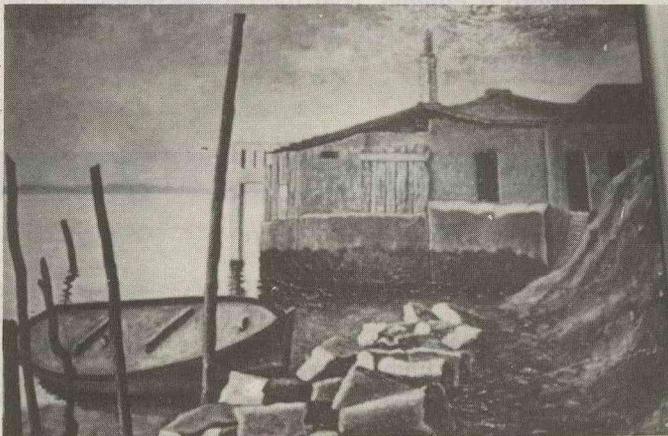
Coitado do rio, fica sozinho.

Mas, quem sabe se, de futuro, não surgirá, no lado de lá, uma nova cidade? Aliás, pouco falta para que os conjuntos habitacionais de Igapó emendem com o casario da Redinha. Quando centenas de edificações encherem aqueles sítios e mangues da banda de lá, quando novas pontes se arquearem sobre a calma das águas, então o Potengí velho de guerra já não será esse rio esquivo e solitário.

MINI HISTÓRIA DO RIO

Os índios potiguares, apelidados “comedores de camarão”, tinham sua *aldeia grande* à margem esquerda do Potengí. O nome vem de *Poti-gi*, rio dos camarões. Informação de Câmara Cascudo (“Nomes da Terra”, pág. 117).

Heracles Dantas/DN



Rio Grande do Norte — assim foi batizado pelos primeiros exploradores, que, certamente, impressionaram-se com a largueza da foz. Tal denominação passou para a Capitania, Província e Estado.

Antes da colonização, muito antes, o pirata francês Jacques Riffault fez duma curva do rio o esconderijo de sua nau. Hoje o local (Base Naval) é conhecido como Refoles.

Alguns franceses viveram por ali, nessa fase, em aliança com os índios, mas não deixaram sinal de sua passagem, nada influíram na formação de nossa gente.

O mesmo se diz com relação aos holandeses, que tomaram o forte dos Reis Magos, baluarte da Capitania, em 12 de dezembro de 1633. Quatro dias antes os navios batavos entravam, solenemente, no rio.

Em fins de dezembro de 1597, Jerônimo de Albuquerque adentrava a barra do Rio Grande. Veio com Mascarenhas Homem, Capitão-Mor de Pernambuco, e aqui lançaram os alicerces da colonização portuguesa. Começaram a construção da fortaleza, onde o rio faz esquina com o mar. A 25 de

dezembro de 1599 é fundada a cidade do Natal.

Caravelas descansam ao longo do rio.

Três séculos depois, hidro-aviões pousam “como pássaros cansados”, na mesma água verde-esmeralda. Vive-se a epopéia dos grandes *raids* internacionais. Em 1931 chegam quatro esquadrilhas de hidro-aviões italianos, sob o comando de Ítalo Balbo. Mussolini ostentava seu poderio.

Mais tarde, já em plena Guerra Mundial, Natal transformada em Trampolim da Vitória, as “grandes aves metálicas” põem o rio em constante alvoroço. Jorge Fernandes dá o seu testemunho poético:

“Depois desce no Rio Grande numa pirueta danisca
Desembestado, espalhando a
água...

E fica batendo o papo, cansado de voar.”

Potengí de muita história. Rio ancião. Rio jovem: as regatas, Sport versus Náutico, as lanchas zarpado na Redinha, os barcos engalanados na procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. Potengí de muita poesia. □

Serenata do Pescador

(PRAIEIRA)

Othoniel Menezes

Praieira dos meus amores,
encanto do meu olhar!
quero contar-te os rigores
soffridos, a pensar
em ti, sobre o alto mar...
Ai! não sabes que saudade
padece o nauta, ao partir,
— sentindo, na immensidade,
o seu batel fugir
incerto do porvir!

Os perigos da tormenta
não se comparam, querida,
às dores que experimenta
a alma, na dor perdida,
— nas ancias da partida!
Adeus à luz que desmaia,
nos coqueiraes, ao sol-pôr...
e, bem pertinho da praia,
o albergue, o ninho, o amor
do humilde pescador!

Quem vê, ao longe, passando
uma vela, panda, ao vento,
não sabe quanto lamento
vae nella, soluçando,
— a Pátria procurando!
Praieira, meu pensamento,
linda flor, vem me escutar
a história do soffrimento
de um nauta, a recordar
amores, sobre o mar!

Praieira, linda entre as flores
deste jardim potyguar!
Não há mais fundos horrores,
eguaes a estes do mar,
— passados a lembrar!
À mais cruel noite escura,
nortadas e cerração,
não trazem tanta amargura
como a recordação,
que aperta o coração!

Si, às vezes, seguindo a frota,
pairava uma gaivota,
logo eu pensava, bem triste:
— “O amor que lá deixei,
quem sabe si inda existe?! —
Ela, então, gritava, triste:
— “Não chores! não sei! não sei...
E eu, sempre e sempre mais triste,
rezava, a murmurar:
— Meu Deus! quero voltar!”

Praieira do meu peccado,
morena flor, não te escondas,
quero, ao sussurro das ondas
do Potengy amado,
— dormir sempre a teu lado...
Depois de haver dominado
o mar profundo e bravo,
à margem verde do rio
serei teu pescador,
óh, perola do amor!

Sei quanto é modesto o valor artístico destes versos. Feitos às pressas, para serem recitados a pescadores, achou-os o inspirado musicista, Eduardo de Medeiros, capazes de ser amparados pelo seu talento, valorizando-os com lindíssimo fado que a cidade repete, nas serenatas ou nos salões da aristocracia, de bairro a bairro. Por isso, e para satisfazer a pedidos muito gentis que me orgulham e me confortam, publico no livro a minha “Praieira”, que me tem dado muitas vezes, noite alta, enquanto um violão soluça na rua solitaria, a ilusão ephemera e perigosa da popularidade...

Vá ella, a pobre “Praieira”, e que agora se ponha a salvo dos assassinios com que a têm supliciado...

Qual é o preço da Cultura?

Socorro Trindad

Fazer cultura custa um preço alto, altíssimo — é o que sempre afirmam algumas pessoas ligadas à área. Mas, na verdade, qual é o preço da cultura? Woden Madruga, às vésperas de entregar o cargo de presidente da Fundação José Augusto, confidenciou-me o seu desejo de abrir um espaço cultural independente, desde que tivesse uma empresa internacional de alto nível para patrocinar o projeto, porque “cultura é cara”. O poeta Diógenes da Cunha Lima acabou de adquirir uma estranha árvore de nome **baobá**, plantada num terreno que ele pretende transformá-lo num espaço cultural. O terreno custou ao poeta 100 mil dólares. Quanto custará a construção do projeto cultural? Quem irá pagar essa soma para que este espaço exista? O próprio poeta? Provavelmente, porque é mais um pequeno príncipe querendo repousar a sua poesia sob um **baobá**. Quanto a Woden Madruga, não sei se ele conseguirá uma multinacional que se interesse por cultura a ponto de bancar o seu sonho.

Continuarei falando de propostas independentes de cultura. Não faz muito tempo, alguns loucos poetas loucos também tentaram realizar essa utopia de fazer cultura numa terra cujos homens têm os pés redondos. Com raríssimas exceções, esses homens pisam a sua própria massa encefálica, isto porque essa “coisa cinzenta” que deveria estar no cérebro, tomou outro rumo e concentrou-se nos seus pés. Os poetas, como todo poeta,

tinham o seu sonho. E todo sonho carrega a sua utopia. O sonho deles era o nosso sonho. Na época pensávamos assim: “Se tivermos um espaço próprio, independente, poderemos fazer com que a cultura aconteça, que ela seja aberta a todos, que qualquer um tenha voz e que fale, se expresse, sem as já conhecidas igrejinhas que giravam em torno do poder dominante”. E fomos à luta. A questão era a mesma: concretizar um sonho antigo. Nasceu então a **Ponto 8**, inicialmente editora mas logo em seguida transformou-se num espaço cultural, reunindo em dois espaços-salas no CCAB Sul, o escritório da editora e mais um setor de Livraria, Bar — que funcionava diariamente para o prazer intelectual e o boêmio, com lançamentos de livros, depoimentos de escritores, shows ao vivo de música, mostras de livros e de artes plásticas, além do habitual encontro das pessoas, artistas, escritores, poetas, professores, jornalistas, enfim, os amigos, muitos deles que normalmente não nos encontramos, por conta do dia-a-dia de cada um, e de repente, eis que estávamos nos encontrando e discutindo, e... a **Ponto 8** acabou se tornando também um ponto de encontro.

Mas veio o Leão... O Leão, vocês sabem, é muito mais forte e poderoso que eu e você juntos, então o que estava tão bom, tão gratificante, não deu para continuar. Contudo permitam-me dizer ainda: desde o início, senti sempre que uma terceira mão me segurava, aliás, procurava me segurar,

impedir que o projeto andasse, tivesse continuidade, enfim acontecesse. Não sei a quem pertencia esta terceira mão, mas que ela existia, existia.

Acontece que não consigo fazer algo, especialmente se se trata de coisas de cultura, presa a grilhões. O fim da arte é a liberdade. Só sei fazer literatura livre. Quando me vi de certa forma prisioneira de uma terceira mão, eu me disse: ou eu ou a **Ponto 8**. Tomei um porre e disse a todos: pronto, a **Ponto 8** acabou. Tinha terminado o contrato de aluguel das salas, entreguei-as aos seus respectivos proprietários, e saí livre, eu era eu... E o sonho? perguntei-me. Vou deixá-lo para depois. Existem outras formas de se fazer cultura, mesmo na terra dos homens dos pés redondos. O espaço acabou, aliás não acabou, transformou-se em mais um espaço vazio na cidade. A idéia inicial da editora, esta sim, continua, a editora **Ponto 8** continua e está com alguns projetos editoriais para lançamentos de livros ainda este ano. Portanto, aguardem!

E mais: jamais tivemos o apoio de quem quer que seja em se tratando de organismos oficiais ou empresas privadas. Tivemos, sim, o apoio sempre da imprensa, dos artistas e intelectuais, dos amigos, enfim, e o apoio de nossa própria força, apesar da terceira mão.

Ao mesmo tempo, vivíamos os últimos momentos do Espaço Cultural Jorge Fernandes.

Um projeto encabeçado por Jácio e Vera, Ricardo, Abimael

e mais alguns poetas marginais. Tratava-se na verdade de um grande projeto de cultura independente que também não aconteceu. Além do Leão, não uma terceira mão, mas uma quarta, uma quinta, uma sexta, uma sétima, enfim, inúmeras mãos vieram como num enxame de abelhas e nos picaram a todos, deixando-nos incapazes de um gesto no momento. Jácio e Vera foram um pouco Aníta e Garibaldi. Mesmo assim, perdeu-se o espaço. É que ele não interessava a ninguém, a não ser a nós outros. Também jamais contou com o apoio de quem quer que seja, do governo ou da iniciativa privada. Abimael revive o velho sonho editando o seu já conhecido jornalzinho *Sebo Vermelho*, **house organ** de sua loja de livros usados.

Também soubemos que um outro espaço cultural independente de nome Forum vivenciou a mesma experiência de começo, meio e fim. Reunião, bar e restaurante, livraria, galeria, setor de disco e vídeo, e o sonho de se transformar num ponto onde a arte tivesse o seu espaço para fazer e acontecer. Não aconteceu, poucos meses depois, os proprietários abriam mão da proposta, mantendo apenas, porém com prazo determinado, o serviço de restaurante e bar.

O que mais? Não foram apenas nós que saímos perdendo, todos perderam. Contudo, existe algo que é mais preocupante. É isso que o que poderia acontecer de pior com algum de nós que criamos: parar, se esgotar, não conseguir mais fazer coisa alguma em termos artísticos... Seria uma morte esse outro espaço vazio. Na verdade, a cultura está em quem produz. Se um artis-

ta pára de fazer a sua arte, quem perde mais: o Centro de Cultura Jorge Fernandes ou o Espaço Cultural Ponto 8 ou a própria cultura norte-rio-grandense? Certamente a cultura do Rio Grande do Norte. Portanto, quando se pergunta se esse ou aquele espaço oficial está ou não promovendo cultura, se esquece que o mais importante nesse processo não é obviamente esse ou aquele promotor de cultura mas o artista e intelectual, pois sem estes não há como se promover o evento artístico e cultural. Nada mais sábio para quem deseja polemizar em questões culturais, colocar a importância de quem na verdade é o responsável por uma obra artística ou literária. Se se valorizar o autor e a obra está-se no mínimo resguardando uma prática cultural. A promoção, o evento, a festa, fazem parte, sim, do processo, porém devem ser colocados em segundo plano. O fato de Abimael está escrevendo no seu jornalzinho matérias que inclusive resgatam autores e obras da historiografia cultural é mais importante do que ele se manter o exímio vendedor de livros usados numa loja do Centro Jorge Fernandes. Mais tarde, se alguém se voltar para essa nossa época, irá resgatar o Abimael do jornalzinho *Vermelho* e não o dono da loja de sebo. E mais: o que aconteceu de mais notório no Centro Cultural Jorge Fernandes foi na verdade o sonho que materializou por algum tempo (mesmo que tenha sido pequeno este tempo) uma utopia. O mesmo eu diria em relação à **Ponto 8**, porém, neste caso, façam minhas as palavras de Jácio: a **Ponto 8** ainda conseguiu fazer um acervo, ou seja, publicou um livro e gravou em fita para vídeo vários depoimentos de

escritores, e dos quais participaram: Diógenes da Cunha Lima, Tarcísio Gurgel, Eulício Farias de Lacerda, Vicente Se-rejo, Rejane Cardoso, Elizabeth Nasser, Nássaro, Maria Lúcia Garcia, Rita Santos, Paulo de Tarso, Luís Carlos Guimarães, Dailor Varela, Selma Bezerra, Toinho Marques, Falves Silva, e outros.

O preço da cultura continua alto, altíssimo. Qual é o preço de continuarmos criando? Quanto custa, para um escritor que trabalha fora, seja ele um jornalista ou um professor, escrever um livro depois de um dia todo no jornal ou na universidade? Terá que ir dormir mais tarde, privar-se de finais de semana, de um papo com os amigos num bar após o trabalho, de ficar mais tempo com a família, enfim, são muitas as renúncias que ele terá que fazer para escrever então uma obra que talvez nem seja publicada. Se acaso ele conseguir publicá-la ainda corre o risco de não ser lido. O buraco é mais embaixo.

A Dinamarca possui 1.250 bibliotecas públicas e 1.850 bibliotecas escolares. Em conjunto, elas emprestam, anualmente, mais de cem milhões de títulos. A Dinamarca é um pouquinho menor que o Estado do Espírito Santo e tem um pouquinho mais que 5 milhões de habitantes. Lá, até a educação é um instrumento da cultura. Se comparada com a realidade de nosso Estado, o que dizer? O que afinal nos alenta a continuarmos a escrever? Algo maior que o próprio sonho. Parafra-seando Maikovski, é melhor morrer de vodka do que tédio. Porém é muito melhor morrer de arte do que de vodka e tédio. ■

* Socorro Trindade é escritora e editora de "O Galo"

N A T A L

Oswaldo Lamartine

O meu Natal é ainda o Natal do menino boquiaberto de olhos arregalados para os céus, catando entre as nuvens o vulto do Jahu de Ribeiro de Barros, dos ratos voadores do generalíssimo Balbo e da silhueta bojuda do Graff Zeppelin. O Natal contrito do Pe. João Maria. Natal dos veraneios em casas de taipa e palha da Redinha, Praia do Morcego e Areia Preta — quando se tomava banho de mar por prescrição médica. Natal transtornado com a baleia morta e fétida no Poço do Dentão. Natal dividido e vibrante nas manhãs de Centro x Esporte, nas tardes de América x A.B.C. e nas noites de Cordão Azul x Encarnado. Natal briguento do Capitão Everardo de Vasconcelos e dos seus mais briguentos galos de briga. Natal panfletário de Bruno Pereira. Natal democrata das eleições de José Augusto Bezerra de Medeiros.

Natal menino das séries de Henry Carrey, Tom Mix e e Tim Mc Coy, no cinema de seu Leal, com Paulo Lyra e seu roufenho piano. Natal ansioso dos sertanejos que do cais Tavares de Lyra assistiam o morrer do dia olhando as nuvens de chuva do poente. Natal moleque das peladas do Campo do Triângulo, com Zé Tamaru e João Calango, ali bem perto do esquecido bairro da Soliçãõ. Natal cívico do Prof. Luiz Soares e seus escoteiros. Natal feminista de Júlia Barbosa. Natal boêmio das serenatas de Macrino. Natal tranqüilo onde nas águas do Potengi boiava o transatlântico Lucas Bicalho e voava a guarnição dos Papagaio-Voadores. Natal patético quando o anjo-louco Djalma Petit rabiscava diabruras nos muros dos céus. Natal sherlock do Capitão Joca do Pará. Natal mecânico de mestre Elias Galvão e das intrincadas indústrias

de Chico Azevedo. Natal clássico de Waldemar de Almeida e das escalas do tenor Alcides Cicco. Natal heróico, praça de guerra, sentinela do Atlântico e trampolim da Vitória. Natal deslumbrado, festivo e embriagado com a retomada de Paris. Natal lírico na prosa e no traço de Newton Navarro e no verso de Otoniel, Itajubá e Zila Mamede. Natal alegre das histórias de Zé Herôncio, Salviano Gurgel, Zé Areias, Luís Tavares e Arsênio Pimentel. Natal inconsequente dos bate-papos do Grande Ponto — herdeiro urbano do Café Avenida — em companhia de Armando Viana, Serejo, Arsênio, Antonio Pinto, Zé Gonçalves, Leonardo e o cego Lula. Natal dos amigos vivos e dos que nos esperam para o reecontro definitivo na paz de intra-muros do nº 1.050 da Rua Fonseca e Silva, no Alecrim.

Oswaldo Lamartine de Faria é escritor e reside no Rio de Janeiro.

ZILA MAMEDE:

NOTÍCIAS BREVES DE SUA VIDA

Diva Cunha

Zila Mamede nasceu em Nova Palmeira, na Paraíba, em 1929. Menina ainda nova veio para o interior do Rio Grande do Norte — Currais Novos — acompanhando seus pais Josafá Gomes da Costa Mamede e Elídia Bezerra Mamede. Cresceu rodeada de irmãos, como toda típica família sertaneja.

Em 1943 veio para Natal completar seus estudos, deixando-se seduzir definitivamente pelo Atlântico e recortado litoral, em tudo diverso à paisagem que conhecia: rude sertão de poucos rios e muito siso.

No Rio de Janeiro, para onde vai com a ajuda de uma Bolsa de Estudo, faz curso de Biblioteconomia na Bi-



Poetisa Zila Mamede

blioteca Nacional, entre 1955 e 1956. Nos Estados Unidos faz curso livre na área de Biblioteconomia em Siracusa, Nova York, com o *status* de visitante e bolsa da Biblioteca do Congresso.

Voltou para Natal para trabalhar e organizar as principais bibliotecas da cidade. Competente e dinâmica, logo ocupa cargos de importância, ao mesmo tempo em que participa ativamente da movimentação intelectual do Estado produzindo inúmeros trabalhos, tanto em Biblioteconomia, como em Literatura: poesia.

Zila Mamede morreu em dezembro de 1985, em Natal, levada pelas águas do Rio Potengi e deixando enorme saudade entre os que a conheceram.

Obras

De Biblioteconomia:

Bibliografia sobre Xico Santeiro. Arquivo do Instituto de Antropologia, Natal, março de 1966.

Luís da Câmara Cascudo: um pesquisador. Natal, 1968.

Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual. 1918/1968. 2 volumes, Natal, Fundação José Augusto, 1970.

Os Vários Caminhos de Maria Alice Barroso (Cronologia Literária). Belo Horizonte, Suplemento Literário Minas Gerais, 1974.



Edição Póstuma:

Civil Geometria — Bibliografia Crítica, Analítica e Anotada de João Cabral de Melo Neto, 1924-1982. São Paulo: Nobel; co-edição

com EDUSP, Instituto Nacional do Livro, Vitae — Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social, Governo do Estado do Rio Grande do Norte, 1987.

Colaborou ainda em vários jornais do Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza e Natal.

De Poesia:

A produção poética de Zila Mamede de 1953 a 1978 está reunida em *Navegos*, editado em 1978 pela Editora Vega de Belo Horizonte. Compõe-se de cinco livros:

Rosa de Pedra. Natal, Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, 1953.

Salinas. Rio de Janeiro, Ministério da Cultura, 1958 (Coleção Aspectos).

Arado. Rio de Janeiro, Editora Livraria São José, 1959.

Exercício da Palavra. Natal, Fundação José Augusto, 1975.

Corpo a Corpo. In: *Navegos.* Belo Hori-

zonte, Ed. Vega, 1978.

Em 1984 Zila Mamede publicou aquele que seria seu último livro de poesia que, premonitoriamente, chamou de *Herança*. Sobre *Navegos*, diz Nei Leandro de Castro, no Prefácio, que significa tal palavra *navegação, andanças*, enfim: *nave-ego* de Zila Mamede.

Do Texto:

Para esta apresentação escolhemos “Retrato”, um poema do segundo livro de Zila Mamede. A autora considerava esse livro — *Salinas* — mais bem acabado do que *Rosa de Pedra*, enquanto que seu prefaciador Paulo de Tarso, até então único estudioso de sua obra, considerava-o como um texto de transição.

Salinas contém 29 poemas de formas as mais variadas: sonetos, elegias, canções e outras composições mais livres.

No poema “Retra-

to”, Zila transubstancia um signo lírico sua vivência sertaneja, seu passado “de menina e moça na casa dos seus pais” e anuncia a matéria-prima dos seus melhores cantos: o seu sertão natal.



RETRATO

Me lembrava da menina
escavando o chão
agreste,
me lembrava do menino
carregando melancias.

Em que terras desembocam
esses talos de crianças

mais finos que as maravalhas,
mais fortes que a ventania?

Dois pés descobriram
casa
multiplicaram-se em
hastes
— são cabeleiras de trigo
dos moinhos de Van-
Gogh.

A sobra dos dois irmãos
repartiu-se entre os veleiros:
seu tronco desarvorado
virou estrelas no mar.

O poema composto de quatro estrofes, com quatro versos cada, tem a forma poética bem popular que de certo modo se enquadra à simplicidade do tema tratado: a paisagem rural da infância.

A paisagem litorânea é a matéria básica do seu primeiro livro *Rosa de Pedra*. Através de uma imagética marinha, Zila tenta rever a infância passada e perdida. A não-correspondência entre essas duas



poético. A primeira estrofe, dividida em duas partes, corresponde a óticas contrastivas: de um lado, a menina; de outro, o menino.

Me lembrava da menina
escavando o chão
agreste

Me lembrava do menino
Carregando melancias.

As oposições de gênero (notar que a menina vem antes) vão corresponder à oposição de ações entre os dois. Aparentemente a ação masculina de carregar melancias parece um movimento mais dinâmico, para fora, isto é, movimento extrospectivo, do que aquela ação a que se dedica a menina “escavando o chão agreste”, primeira marca de universos distintos.

O lembrar do *eu* no presente, ao escrever o texto, liga-se umbilicalmente à atividade da menina no passado, que na pele rude do

fases — em termos de experiência real, já que o mar é a paisagem adulta, opondo-se à terra, paisagem de infância — leva à construção de cenas textuais profundamente depressivas, marcadas pela angústia do ser diante do desencontro entre seu tempo e espaço.

Em *Salinas* inicia-se a busca e o reencontro das verdadeiras raízes, marcadas por uma mudança temática que cor-

responde ao avanço da paisagem da terra — no seu espaço mais interior: os sertões — sobre a sedução atlântica. Resgate este que o poema em estudo atesta prenunciando o folhear deste “Álbum de Recordações” tão íntimo e original, de que ele será o primeiro cromo.

Este retrato vivificado corresponde ao tempo fonte de vivas lembranças, ricas potencialmente de material

chão agreste inscreve os sinais — sementes — daquela que será sua missão/trabalho, no futuro. Voltada para si mesma e debruçada sobre a terra-raiz-mãe, a menina procura (escava) algo que ainda não sabe o que é, até o momento em que, na arqueologia da memória encetada pelo eu-poético, concretize esses signos na materialidade do poema. O ato de escavar o chão significa a continuidade de uma reflexão do *eu* sobre o ser/estar no mundo e, também, sobre seu papel como criador de artefatos verbais.

Do branco da folha brota esse pequeno quadro rural que de certo modo reflete e reduplica como uma lente o quadro do presente: uma menina (hoje mulher/poetisa) que escreve voltada sobre si mesma e sobre sua terra de origem. Os dois quadros conjugam-se inseparavelmente, pois no passado o presente já se faz na escrita que o res-



gata e o preserva.

O segundo quarteto é todo uma grande indagação sobre o destino desses dois rebentos do agreste, metaforizados com muita propriedade e lirismo em “talos de crianças”. Polisêmica, a palavra *talo* propicia uma dupla leitura, pois inclui o sentido de verde, flexível, ágil, delicado e, ao mesmo tempo, uma qualidade oposta, de forte. Portanto, são talos finos e fortes, “mais

finos que maravalhas” e “mais fortes que ventanias”.

A terceira estrofe é dedicada ao menino e ao seu destino, respondendo às indagações colocadas pelo próprio poema na segunda estrofe:

Dois pés descobriram
casa
multiplicaram-se em
hastes
— são cabeleiras de trigo

dos moinhos de Vang Gogh.

O destino do menino se faz numa continuação das ações previstas e/ou anunciadas ainda no primeiro quarteto (“carregava melancias”). Ele descobriu casa, multiplicou-se em outras hastes (talos-filhos), louros como os moinhos de Vang Gogh. Cumpriu o caminho que lhe destinava a sociedade patriarcal nordestina, fazendo a terra, a seu exemplo, também produzir dons naturais: frutos.



A sobra dos dois irmãos repartiu-se entre os veleiros: seu tronco desarvorado virou estrelas no mar.

Sobra que, se não é o menino/irmão, é, por

exclusão, a menina/irmã, a que resta. Tal negatividade é reforçada pela divisão que a palavra “repartiu-se” incula no texto. Fugindo ao seu destino que é a terra e a multiplicação, a menina, atrás da qual espregueia o eu-lírico, “fragmentou-se em veleiros” e “virou estrelas no mar”. Ao torcer os rumos do seu caminho para o litoral, o *eu* perde sua identidade e deixa-se perder no sem limite do mar, “leit-motif” o leito final. ■

* Diva Maria Cunha Pereira de Macêdo é professora de Letras da UFRN e membro do Conselho Municipal de Cultura e Turismo.

ISTO NOS INTERESSA

O Conselho Municipal de Cultura e Turismo de Natal está formando um acervo de publicações literárias ou relacionadas ao turismo norte-riograndense. Para tanto, solicita a todos que produziram ou que dispõem de textos, fotografias, vídeos, revistas, jornais, mapas, roteiros, *folders* e outras publica-

ções relacionadas à Natal que contribuam para este centro de informações. Ele ficará à disposição de interessados, como: pessoas da própria comunidade, estudantes, pesquisadores e turistas.

A própria SECTUR já possui cadastro de artistas plásticos, grupos teatrais, folclóricos, musi-

cais e de dança. Todos os produtores culturais continuam convidados a se cadastrar ou a atualizar seus cadastros que permanecerão à disposição dos interessados em contratação de shows ou na aquisição de obras de arte.

Endereço do Conselho e SECTUR:
Rua Trairi, 563 - Petrópolis - Natal/RN
- CEP 59.020. Fones: (084) 221-5729
e 221-5730.

Cultura tem espaço na Fundação Hélio Galvão

Instalada há dois anos na própria residência do seu patrono, a Fundação Hélio Galvão, presidida por seu filho e um dos seus herdeiros culturais, Dácio, tem o mérito de preservar a biblioteca do escritor, além de realizar cursos e eventos esporádicos.

Tendo instalado várias exposições artísticas desde sua criação, a FHG iniciou em 91 a promoção de cursos na área de música, artes plásticas, dança e literatura, neste último com uma abordagem de autores norte-rio-grandenses, contando com a participação de 50 alunos.

O presidente Dácio Galvão pretende construir um auditório para 400 pessoas, informatizar a biblioteca e em breve lançar o livro inédito de Hélio Galvão "Poemas da Tarde".

Outras propostas da Fundação: projeto ecoturístico em Tibau/RN, que deverá contar com apoio da Fundação Onda Azul, presidida

Jorge Filho/DN



Fundação Hélio Galvão também abre espaço para cultura

por Gilberto Gil; e o resgate arqueológico da casa de pedra à margem do rio Pirangi. Endereço da

Fundação: Av. Campos Sales, 930 - Tirol CEP 59.020. Fone: (084) 222-2648.

DESTAQUES CULTURAIS

João de Deus em Natal — Este é o título da revista em quadrinhos lançada pelos artistas gráficos Emmanoel Amaral e Advorando Claro no XII Congresso Eucarístico Nacional. Em formato mini e com tiragem de cinco mil exemplares a publicação focaliza dados biográficos de João Paulo II, suas viagens, suas mensagens espalhadas pelo mundo.



Esta foi uma das muitas produções locais, onde artistas mostraram sua criatividade durante essa visita que mobilizou a população natalense.

Tempos negros — A exemplo de Graciliano Ramos, que escreveu suas "Memórias do Cárcere", o escritor natalense e ex-Secretário da Educação do Rio de Janeiro Moacyr de Góes acaba de lançar em várias cidades o livro "Sem Paisagem, Memórias da Prisão", onde relata sua experiência no ano crítico de 1964.

O livro tem capa de outro natalense radicado no Rio, o publicitário Nei Leandro de Castro e foi lançado em Natal com apoio de diversos instituições culturais agora em novembro. Os outros lançamentos ocorreram na XI Confederação Brasileira de Educação, em São Paulo; no Sindicato de Profes-

sores do Rio de Janeiro; e no XII Congresso de Professores de Porto Alegre. Vamos aguardar o lançamento em sua terra natal.

Lembranças — No número 1 de Cadernos de Natal foi transcrito um texto da revista "Milho Verde", publicada em Natal em junho de 1944. Com o título "O Melhor é a Gente Lembrar..." um tal de Bráulio de Alencar rememorava o São João de sua meninice, descrevendo os traques e espanta-coiós em estilo delicioso.

Só depois de publicado a crônica descobrimos se tratar do escritor Otacílio Lopes Cardoso. O título desta crônica virou nova seção da nossa revista, de agora em diante.

Notícias da SECTUR Notícia

Mapa Gastronômico

A Secretaria Municipal de Cultura e Turismo iniciou no dia 1º de dezembro a classificação dos quase 100 restaurantes e bares em funcionamento na cidade. Os classificados, baseado em

critérios de higiene, ambientação e serviço, receberão certificado e adesivo de recomendação turística. A Sectur vem analisando os critérios com entidades de classe formada pelo Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes, Abrasel e ABIH.

Sucesso na Abav

A participação de Natal no último Congresso da Associação Brasileira de Agentes de Viagens (Abav), realizado em agosto passado, em Salvador, foi considerada um sucesso. Aliada aos promotores do turismo no Estado, a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo instalou o Circo da Folia montando o show folclórico do Mandacaru. Mostras de comidas típicas e música regional formaram um show à parte, o mesmo acontecendo com a distribuição de material promocional.

Durante o Congresso, foram doados ao Horto Municipal de Salvador, mil mudas do maior cajueiro do mundo, um das principais atrações turísticas do Rio Grande do Norte.

Slogan para Natal

Uma viagem ao Chile e Argentina será o prêmio destinado ao vencedor do Concurso que escolherá a logomarca promocional da cidade do Natal. Com o apoio da Varig e CVV Turismo, a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo escolherá a logomarca, que a partir de agora, identificará a cidade em todas as campanhas promocionais e turísticas, tanto no Estado como em todo o país. Uma marca, na versão do secretário Itamar Azevedo, que identifique a cidade, agora, e nas próximas administrações.

Sandoval Wanderley

As obras físicas do Teatro Sandoval Wanderley, no Alecrim, já estão concluídas e absorveram recursos da ordem de Cr\$ 45 milhões. A Prefeitura Municipal começa a investir, agora, na aquisição e posterior instalação dos equipamentos, orçados em cerca de Cr\$ 150 milhões. A Lei Rouanet vem sendo considerada um ponto de partida que pode acelerar o processo de conclusão da obra, devolvendo a Natal um dos seus mais antigos pontos de produção cultural.



Jotafreitas

Natal em Natal

Empenhada em promover o turismo, a Prefeitura Municipal, sob a coordenação da Sectar, está realizando no período de 21 de novembro a 6 de janeiro de 1992, a programação Natal em

Natal. Estão programadas cerca de 50 atividades, incluindo desde um Festival Gastronômico, passando pelo Festival Nacional da Castanha e do Caju, Revéillon, Festas de Natal e Santos Reis, até a entrega de

Prêmios Literários e provas náuticas no rio Potengi. Toda a programação conta com o apoio da iniciativa privada e diversos segmentos da comunidade interessados em promover a imagem da cidade.

Foto: Marcos Ottol



Placa homenageia Zila Mamede

Homenagem

Uma placa em granito com a transcrição do poema "Canção do Afogado" marca desde os últimos dias de setembro, a homenagem da Prefeitura Municipal à poetisa paraibana, radicada em Natal, Zila Mamede, morta há dois anos. De autoria do artista plástico Manxa, a placa monumento mede 2,25m de altura por 1,20 m de largura e traduz a homenagem à memória de Zila, que contribuiu com sua obra à cultura potiguar, além de ter fundado a Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que recebeu o seu nome. Entre os livros que marcaram sua obra estão "Rosa de Pedra", lançado em 1953, considerado por Manuel Bandeira como um dos melhores livros da época, "O arado", de 1959, "O Exercício da Palavra", de 1978 e "Navegos", uma coletânea de poesias.

O antigo prédio da Capitania dos Portos

O prédio da antiga Capitania dos Portos de Natal, ou o que dele restou, está localizado na avenida Junqueira Aires, em pleno Corredor Cultural da Cidade. O edifício foi construído no final do século passado, no mesmo local onde existiu um outro prédio, que de 1830 a 1862 servira de sede ao governo provincial.

Naquela primeira edifica-

ção, governaram a Província destacados presidentes, dentre eles, Basílio Quaresma Torreão, Manuel Ribeiro da Silva Lisboa (o presidente Parrudo), Manuel d'Assis e Mascarenhas, (o dr. Pinagé), Cassimiro José de Moraes Sarmiento, Venceslau de Oliveira Belo (tio materno do Duque de Caxias), Antônio Bernardo de Passos (que enfrentou a epidemia de Cólera, em 1856, e

construiu o Hospital de Caridade).

No dia 12 de agosto de 1873, era instalada a Companhia de aprendizes Marinheiros, em prédio próprio medindo 53,7m de frente e 138m de fundos para a margem direita do Potengi. Ao que tudo indica, teria sido ampliado o velho Palácio Presidencial. No local, a Companhia funcionou de 1873 a 1885



Capitania das Artes será o novo espaço cultural da cidade

e, novamente, de 1890 a 1898.

Demolido o velho casarão, no mesmo local foi edificado em novo prédio, que serviu de sede à Capitania dos Portos até o ano de 1972. Desde então, o prédio não foi mais ocupado, ficando fadado à destruição, pela ação do tempo e do abandono.

Encontra-se o casarão em verdadeiro estado de ruínas, conservando apenas algumas paredes externas

A fachada principal, de inspiração neoclássica, foi concebida com simetria. O estilo Neoclássico chegou ao Brasil, trazido pela Missão Artística Francesa, em 1816, e veio interromper a evolução natural do Barroco. O Neoclássico foi largamente beneficiado com a intensificação do comércio exterior, que sofreu um estímulo depois da abertura dos portos brasileiros às nações amigas. Os arquitetos dispuseram de um variado elenco de materiais importados, sobretudo os provenientes da Inglaterra.

Os padrões impostos pelo Neoclássico imprimem equilíbrio às edificações, que são sempre marcadas pela simetria. O Neoclássico atravessou todo o século XIX, beneficiando o Rio Grande do Norte com alguns exemplares.

O antigo prédio da Capitania dos Portos apresenta um pórtico de entrada, encimado por frontão curvilíneo, composto por uma porta de acesso ladeada por duas janelas, em vãos de arco pleno, com bandeiras de madeira e vidros.

Vazada por muitas janelas, a fachada principal do prédio apresenta ainda dois frontões triangulares, nas extremidades



da parede, e encontra-se emoldurada por cornija e pilastras, que marcam de forma bastante severa a edificação.

Resta pouco daquele prédio, mas a fachada permanece de pé, resistindo e desafiando o tempo, como se estivesse pedindo socorro e implorando para não desaparecer, o que atingiria o Corredor Cultural de Natal. A avenida Junqueira Aires não foi mutilada com o desaparecimento total daquele prédio, porém encontra-se ferida, com aquela paisagem de ruínas.

O prédio, que foi tombado a nível estadual em 11 de agosto de 1988, será revitalizado! Prefeitura Municipal do Natal está em negociações com o Distrito Naval, no sentido de resolver as pendências relativas ao terreno da Capitania.

O projeto de restauração do prédio está sendo elaborado pelo arquiteto João Maurício de Miranda. Consiste na recuperação total dos elementos

que compõem a fachada principal do edifício, o que é perfeitamente possível, graças as marcas e vestígios ainda existentes e que o tempo não apaga.

Por detrás daquela parede será desenvolvido o prédio que servirá de Espaço Cultural da Cidade. Com a conclusão das obras, Natal terá resgatada uma de suas mais significativas edificações. E o antigo prédio que já viveu o seu período a esplendor, depois de conhecer a decadência e em ruínas, ressurgir, desenvolvendo uma das mais nobres funções, que seja a de servir a uma atividade cultural.

Fontes: “História da Cidade Natal”, de Luís da Câmara Cascudo; informações gentilmente prestadas pelo dr. Aldo Tinoco Filho, presidente do IPLANAT, outras pesquisas procedidas pela Autora. □

Jeanne Fonseca Leite Nesi

CARACÓIS LITERÁRIOS

Professor Francisco Ivan da Silva

“Isto será escrito para a geração futura e um povo recriado louvará a Deus”. Sl. 102 (101)

A poesia/arte já não se decifra tão bem quando parte dos significantes acontecimentos da vida do poeta/artista, pois aí atua, não o historiador, mas o contemporâneo. Os SIGNIFICANTES acontecimentos constituem testemunhas imediatas. A poesia, em sua essência, que é linguagem em “primeiridade”, partilha radicalmente desta idéia. Nessa originalidade substancial e materializada em tecido textualmente significativa, toda uma história cíclica se rompe impulsionada pelo peso interior da linguagem e dos fatos em direção à vida. Vida é poesia e poesia é vida. Não se vive sem poesia. O homem sem poesia é um animal sem alma.

A busca do lugar original (utopia) dessa idéia de poesia do mito e sua transcendência na realidade é sem dúvida um dos aspectos mais relevantes para uma história da poesia e, por fim, para uma *poética* da história: “As aventuras de Lalino Saláthiel na capital do país formas bonitas, mas só podem ser pensadas e não

contadas, porque no meio houve demasia e imoralidade”. Isto escreve Guimarães Rosa em *Traços Biográficos de Lalino Saláthiel* ou *A Volta do Marido Pródigo*. Sagarana. Aí está um tema de *forma* substancialmente significativa e literário. Quem quer saber poe-



sia ou estudar poesia tem que ler. Sabe-se lendo. Aí é possível insistir mais e mais profundo no enigma mas não mistério do “conto” poético em toda a sua fantasiosa extensão, nem fora da norma, nem livre do exame da ciência literária. Sobre isto há tudo por dizer. “Só se sabe do vento no balanço dos ramos extremos do eucalipto”.

A aventura extrema é sempre um tema literário. Na Idade Média, sabe-se, o tema da aventura de cavalaria vira expressão poética corrente. A aventura em tudo, desde a relação amorosa. Convém, acima de tudo, que essa poesia do amor seja inacessível. A poesia do amor é toda voltada para a aventura. O amor à aventura mesmo tendo de enfrentar a desventura ou a desdita. De modo que na ambiguidade aventureira das palavras do poeta, esse amor/aventura contido no texto apareça como fruto maduro que alimenta toda poesia. Nessa aventura poética/amorosa, o poeta joga com todos os riscos. Arrisca jogar com variadas percepções e sensibilidade. Aí explode a plenitude poética de quem cria, o recorrer aos riscos mais complexos da aventura artística da criação. A busca de um mundo imaginado e pensado nas malhas da linguagem do imaginário, que cria uma alteridade: *outro* significativa na compreensão da vida. O outro, segundo Lacan, não

é simplesmente esse lugar onde a verdade balbucia. O outro, esse lugar onde vem se inscrever tudo que se pode articular de Significante, é, em seu fundamento, radicalmente Outro.

A solidão do *Amor* à procura do *Outro* tece a interminável túnica de núpcias. É a metáfora da teia tecendo o poema cabralino até que outra manhã chegue. É lá que estamos a cobiçar Penélope tecendo sua teia desejada e interminável. A solidão do *Amor*. Roland Barthes, por exemplo, não teria nenhuma dificuldade em forjar com isso uma teoria do discurso amoroso, ou seja, do amor à poesia do *Amor*. Apenas o Amor e, em sua ausência o amor... O que o autor oferece a ler é o *Amor* e o seu *Significante*: não há leis históricas no Amor. Assim, não há leis estéticas na poesia. A poesia é o Amor. Poesia é amor. A grande revolução poética da Idade Média parece consistir em introduzir o comportamento amoroso no próprio ser do poema enquanto aventura amorosa.

O *Cântico dos Cânticos* foi uma das principais fontes onde os poetas medievais, em suas relações amorosas, encontraram a mais autêntica/poética e inspiração. Assim também vai ocorrer com alguns poetas barrocos da linhagem e es-

tirpe de *Juan de la Cruz*. Precisamos ler:

**“Onde anda o teu amado,
ó mais bela das mulheres?
Aonde foi o teu amado?
Iremos buscá-lo contigo!”**
(Cântico dos Cânticos, 6)

Puro ou perverso, terno ou cruel, o *Amor* domina toda a Poesia desde a mais ridicularizada até a mais cultivada. O Amor domina a poesia como domina a sociedade e o indivíduo. Eis San Juan de la Cruz a dizer sentindo o que nele está amando em poesia. Na inesgotável multiplicidade das suas formas, na sua individualidade de poeta e homem, homem/poeta, sua poesia é antes de mais nada humana: fala a linguagem humana. Nessa linguagem mesma nós encontramos os temas eternos de toda a poesia. Ao eco poético amoroso de Juan de la Cruz somos conduzidos a ouvir um outro eco mais distante a indagar:

**Gocémonos, Amado,
y vámonos a ver en tu hermosura
al monte y al collado,
do mana el agua pura;
entremos más adentro en la
espesura.”**

A isto faz eco toda a poesia de Juan de la Cruz. Mer-

gulhado na terrível e dramática obscuridão da vida o santo-poeta teve as iluminações mais profundas e podia olhar para o mundo e as coisas como homem solidário a toda Dor da humanidade. O *Cântico dos Cânticos* conduziu seu olhar para a natureza sensível das coisas, para o murmúrio das árvores, para a vida na origem da natureza, para a noite mágica... Toda a sua poesia mística, uma mística do sofrimento à imitação de Cristo na Paixão, se apoia em uma originalidade e contemporaneidade da *literatura* existente em todos os séculos. Isto é suficiente para deixar sua poesia acima de qualquer limite moral-cristão e desvendar a senda mítica onde se radicaliza a verdadeira CREAção. Este sentido da natureza e de sua via prodigiosa, estes fragmentos dos impulsos amorosos animam e alimentam toda poesia de *originalidade barroca*. O poeta/artista barroco se deparou com um *Sig-no* perturbante da natureza poética e contemplou o rosto dos anjos e constatou: nada mais é senão um espanto diante da escuridão divina. A luz divina se apaga a cada instante que o homem imagina tê-Lo vislumbado. Mas é exatamente essa luz, que ele, tantas vezes voltará a escavar as ruínas da existência humana. A visão do poeta barroco é

direta, e radiante. O poeta do Barroco vê a história ao meio-dia. Graças a essa luz de irradiação medieval que vem se confrontar com a luminosidade barroca aí se pode ler uma obscuridade impenetrável onde a verdadeira poesia fala por ela mesma. A poesia é contemporânea dos últimos poetas da última vanguarda. Neste sentido, Juan de la Cruz como todo poeta do Barroco é extraordinário. Tudo nele é extraordinário. Levou uma vida de extremado ascetismo. Passava noites inteiras em oração e contemplação. Na prisão escreveu seus poemas... "No es posible en un breve espacio dar una idea cualquiera del efecto embriagador de estos poemas del modo en que esto efecto ha sido logrado". A relação/religare do homem e Deus, do santo/monge e o poeta nele é profunda. Outros povos e outros poetas e artistas certamente conheceram elencos de *criadores místicos* guiados por leis religiosas e sacerdotais. Sem essa substância ou elemento religioso é impossível compreender a Idade Média, por exemplo, o Barroco dos seiscentos, a Grécia de Homero, Os vedas, e nossa história. Juan de la Cruz é um poeta religioso. E não estão, por acaso, a ternura, o abandono e o prazer reservados para as ocasiões

religiosas?

O tema por excelência da *Poesia Barroca* é a Paixão. Aí falam os homens a língua dos anjos, a linguagem dos anjos. Os anjos têm forma, basta sentir. A paixão no Barroco: todos os tons da paixão humana banhada no sangue do Cristo. A simultaneidade da paixão humana, desde a mais brutal até os requintes daquela recolhida no canto gregoriano. Gregório de Matos, por exemplo. Nunca a literatura Brasileira conheceu tal



"grosseria" nem tal requinte poético. Gregório de Matos é "ímpar" e "singular" dentro da *poesia brasileira* no modo de tratar a *Paixão* humana: a gula, o orgulho, a luxúria... os vícios. Da mais alta vida social e intelectual de seu tempo ele participou e passou como o mais radical poeta na crítica da Paixão humana que en-

globa o homem todo. Há também a Paixão contorcida do Mestre Aleijadinho. Sua visão de Cristo. Sua imaginação: em torno de uma multiplicidade de voltas que se enrolam em véus velando o corpo de Cristo, o Aleijadinho acentua a paixão carnal... Assim faz também o poeta Gregório de Matos no recôncavo dos seiscentos. Sua poesia dita *religiosa*, em que se exprime com uma sensualidade de piedoso ardente transparecendo toda a sua angústia de uma paixão insaciada. É a palavra da paixão e do amor que seria preciso saborear em cada um dos poemas gregorianos para compreender que sentido pode ser extraído de uma tão indizível realidade que é a paixão humana.

Gregório de Matos é aos olhos da crítica literária contemporânea a fonte da origem e de origem da poesia no Brasil, e a sua vocação poética aparece como o mais alto poeta a inspirar as mais novas gerações... Oswald de Andrade, Caetano Veloso, música e poesia concreta. O Barroco na origem. Isto dá a originalidade da Literatura Brasileira. Gregório de Matos é fruto da era barroca. E isto é a tônica mais importante para a acentuação característica da Literatura Brasileira.

Ilustre-se esta questão com a leitura no texto: *Da*

Razão Antropofágica: A Europa sob o Signo da Devoração, de H. de Campos. Neste estudo, o tema da *maioridade* de nossa literatura é afrontado e confrontado em verdadeiro debate antropofágico. A guerra. A luta. O debate Cultural. A devoração do forte. Uma literatura épica. A grande literatura, segundo Borges, nasce épica. Somos épicos na origem. Desde Camões até nossa "originalidade" somos épicos. A poesia barroca é épica. Vieira é a mais bela voz de poesia épica no Barroco dos seiscentos. Todos os críticos testemunham essa verdade quando descrevem o sentido das imagens que se transcrevem em seu *discurso-obra*: fusão artística entre literatura e religião. (Evite-se a moral em poesia, evite-se a consciência jesuítica...). Vieira é um modelo que devemos imitar.

O que desconcerta a concepção clássica de epopeia é exatamente a ruptura do texto em sua linearidade. Em Vieira não há a mínima realidade narrativa, pelas simples razão de que o que faz o seu *discurso* é toda uma relação significativa que escapa ao discurso enquanto consciência moral. O seu *discurso* é barroco: cheio de contraste e paradoxal. Nada de narrações, nada de descrições, a imagem é direta. Nada de dissertações, mas música, co-

res, notações visuais, cintilações jorram da língua metafórica, fragmentos instantâneos. Em nosso tempo, o cinema é a melhor técnica para a tradução deste pensamento imaginário: o cinema como a poesia não é algo para ser falado, mas um significativo que joga com a imaginação. Nisto o cinema é uma arte épica. Joga com fragmentos da imaginação numa montagem em que o falar a palavra é, em si mesmo, prazer sensual e apaixonante. Juan de la Cruz



comprova gaudiosamente o sentido desta idéia de poesia *Incarnada* e transcritiva:

**“Pastores los que fuerdes
allá por las majadas al otero:
si por ventura vierdes
aquele que yo más quiero,
decilde que adolezco, peno
y muero.”**

A existência da poesia épica realiza o sonho e utopia dela mesma à busca de seu “estado” de *originalidade*. O cinema, arte épica, quer ser essa imagem direta da vida e das coisas. Sua também utopia só se realiza no fragmentário e na ação multipartida do mundo e da vida. O cinema é o termo melhor para perguntar se se trata de um termo que traga melhor efeito na tradução do pensamento pela imagem, e poderíamos perceber melhormente certas obras-primas como Vieira e... que vêm a ser a fonte inspiradora da vanguarda no panorama artístico-poético brasileiro. Que personagem do cinema, arte épica contemporânea, pode na realidade ser o Sermão de Vieira? etc. Ao lado deste tema universal do *Barroco*, alguns temas e questões são especiais da *literatura contemporânea*. Entre o Barroco e outras formas de arte moderna assiste-se a um espetáculo caótico e extravagante da imaginação. O mundo real e o do sonho se perderam na noite da imaginação poética. Noite obscura dos sentidos. *Noche activa del sentido*. Noite obscura onde a morte ronda cíclica na vida. Que noite infinda vislumbra a poesia no espectro de Hamlet?

To be continued. ■

TRANS POEMA VERSO

CAMPOMINADO
NÃO DOMINADO

NOVERSO
INVERSO

DALINGUA
APALAVRA
ANAVALHA
METRALHA

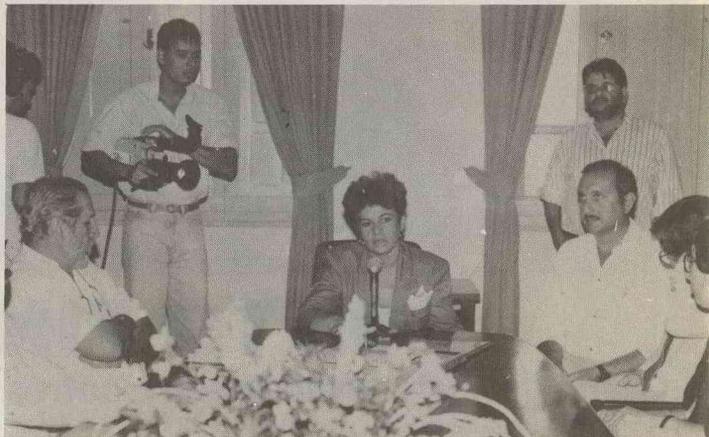
franklin capistrano/maio/91.

Capitania das Artes vai resgatar cultura potiguar

A Prefeitura Municipal iniciará dentro de oito meses o projeto de revitalização do corredor cultural da avenida Junqueira Aires, na Ribeira, com a conclusão da primeira etapa da construção da Capitania das Artes, um projeto arquitetônico que dotará a cidade de um espaço para manifestações artísticas e galeria de arte permanente composta pelo arcevo municipal de artes plásticas.

A concepção arquitetônica, que preservará o frontispício da antiga Capitania dos Portos, reconstituindo sua arquitetura original, terá três blocos e quatro planos. No primeiro deles um vão livre com quase 300 metros quadrados em concreto protendido, mas com vitrines e sacadas em blindex, o que permitirá uma ampla visão do pôr do sol no Rio Potengi, apontado com um dos mais belos do mundo.

RESGATE — A ousadia do projeto não deixa de ser um resgate de um compromisso da Prefeitura Municipal com a cultura e com a própria população da cidade. A licitação já foi lançada pela prefeita Wilma Maria de Faria e absorverá recursos da ordem de Cr\$ 380 milhões. Abrigará diversos setores como a biblioteca municipal, escola de ballet, a banda sinfônica e o Conselho Municipal de Cultura,



Prefeita Wilma Faria anuncia a construção da Capitania das Artes

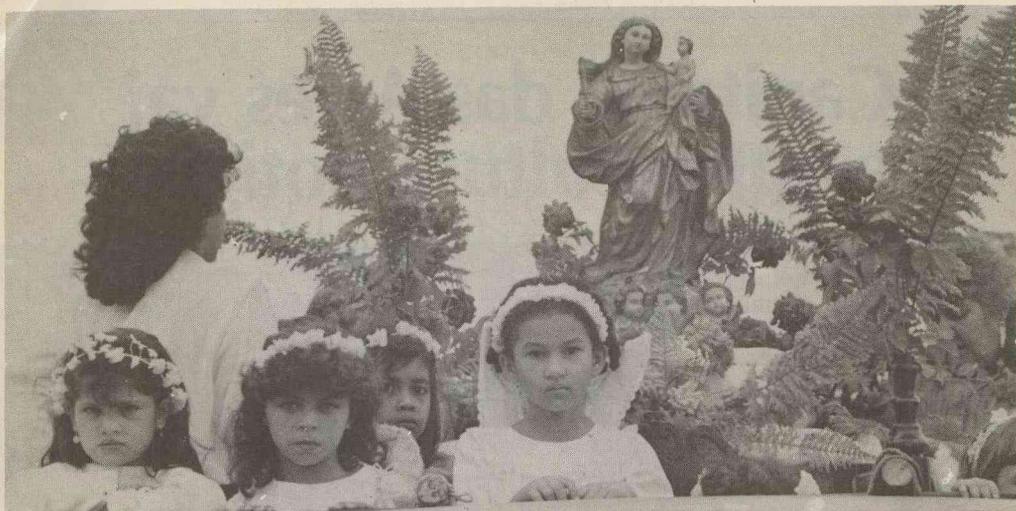
além de um birô de informações turísticas.

Da antiga Capitania dos Portos resta hoje apenas as ruínas do frontispício, que será totalmente restaurado abrindo, no entanto, um espaço de seis metros até a nova construção. Com arrojo, João Maurício idealizou o projeto de forma que os blocos, que terão estrutura especial para abrigar anfiteatros, salas de exibições e de vídeo, não sejam vistos por quem passar na Junqueira Aires, por onde haverá o acesso de pedestres. O estacionamento ficará centralizado na avenida do Contorno.

Em um primeiro momento, a proposta da Prefeitura era a de fazer a restauração completa do prédio da Capitania dos Portos, mas após estudos detalhados chegou-

se a conclusão de que a reconstrução dentro das linhas originais oneraria muito o projeto, diante das dificuldades, inclusive, de resgate de sua concepção original, provocado pelas dezenas de reformas nas últimas décadas.

A Capitania das Artes ficará encravada no já tradicional corredor cultural da Junqueira Aires, que abriga o antigo prédio do centenário jornal "A República", hoje sem circular, a casa do historiador e folclorista Luiz da Câmara Cascudo e do Solar Bela Vista. É uma "obra de coragem" como define a Prefeita Wilma Maria de Faria. Um projeto, na verdade, que "joga o antigo com o novo" resume a presidente do Conselho Municipal de Cultura, jornalista Rejane Cardoso. □



PONTO FINAL

O ano de 1991 assinala entre outros acontecimentos...

- A visita do Papa João Paulo II à Natal, encerrando o XII Congresso Eucarístico Nacional no dia 12 de outubro.
- 490 anos da instalação do marco histórico de Touros/RN (1501).
- Bicentenário de falecimento do compositor austríaco Wolfgang Amadeus Mozart (27.01.1756 - 06.12.1791).
- Bicentenário de nascimento do jornalista e professor pernambucano Lopes Gama, o "Padre Carapuceiro" (29.09.1791 - 09.12.1852).
- 120 anos de instituição da Lei do Ventre Livre (28.09.1871).
- 120 anos de falecimento do poeta bahiano Castro Alves (14.03.1847 - 06.07.1871).
- 110 anos de nascimento do escritor carioca Lima Barreto (13.05.1881 - 01.11.1922).
- Centenário de nascimento do pintor francês Georges Seurat (02.12.1859 - 29.03.1891).
- Centenário de falecimento do poeta francês Arthur Rimbaud (20.10.1854 - 10.11.1891).
- 90 anos de falecimento da poetisa norte-rio-grandense Auta de Souza (12.09.1876 - 07.02.1901).
- 90 anos de nascimento do escritor paraibano José Lins do Rego (03.07.1901 - 12.09.1957).
- 70 anos da publicação de "Alma Patrícia", primeiro livro de Luís da Câmara Cascudo (30.12.1898 - 30.07.1989).
- 40 anos de falecimento do Governador Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia, em desastre aéreo (12.07.1951).
- 40 anos de criação do Teatro de Amadores de Natal por Sandoval Wanderley (1893 - 1972).
- 60 anos da doação da Coluna Capitolina pelo governo italiano ao Rio Grande do Norte, pela acolhida aos aviadores Ferrarim e Del Prette.
- 40 anos da construção do Farol de Mãe Luíza em Natal.
- 20 anos de falecimento do Governador do Estado Monsenhor Walfredo Gurgel.

Um Governo deve ter sempre em vista que o apoio às atividades culturais é uma forma viva de trazer o povo para participar do futuro. A Prefeitura do Natal não vê a cultura como uma atividade dividida entre eruditos e populares.

A cultura deve ser vista como um conjunto de ações que marcam as civilizações e deixam para as gerações futuras os registros da história.

Essas marcas ficarão em pedra e cal ou na produção simbólica. A Prefeitura reconstruiu completamente o Teatro Sandoval Wanderley, está construindo um grande pólo de agitação cultural como a Capitania das Artes, fortaleceu os órgãos culturais, como a Secretaria de Cultura e Turismo e o Conselho de Cultura.

Houve um grande estímulo às manifestações populares, como o São João nos bairros, o Carnatal e aos inúmeros grupos folclóricos existentes na capital.

Uma grande promoção, como o Natal em Natal, está definitivamente incorporada às festas tradicionais, comemorando a cada ano o aniversário da cidade.

A própria publicação *Cadernos de Natal*, agora em seu segundo número, é uma demonstração deste cuidado que a atual administração da cidade tem com a cultura.

Aos trabalhadores culturais a minha palavra de apoio. Sigam com as suas inquietações artísticas e façam garantir o futuro do povo.

Wilma Maria de Faria



PREFEITURA MUNICIPAL DO
NATAL

TRANSPARÊNCIA E PARTICIPAÇÃO
QUEM SABE FAZ.

ADMINISTRAÇÃO WILMA MARIA DE FARIA